

UNIVERSIDADE DE LISBOA



A UTILIZAÇÃO DO *FACEBOOK* COMO FERRAMENTA DE  
ENSINO COLABORATIVO NUMA TURMA DE 11.º ANO DO  
ENSINO PROFISSIONAL

Vânia Cândido de Oliveira

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Ensino da Economia e da Contabilidade

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA



A UTILIZAÇÃO DO *FACEBOOK* COMO FERRAMENTA DE  
ENSINO COLABORATIVO NUMA TURMA DE 11.º ANO DO  
ENSINO PROFISSIONAL

Vânia Cândido de Oliveira

Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Ensino da Economia e da Contabilidade

Trabalho orientado pelo Professor Doutor Tomás Patrocínio

2014

## Resumo

O presente Relatório da Prática de Ensino Supervisionada corresponde à análise e conclusões apresentadas da experiência pedagógica concretizada de lecionação da disciplina de Economia numa turma de 11.º ano de escolaridade, numa Escola Profissional, e tem como temática principal a utilização do *Facebook* como ferramenta para a promoção do ensino colaborativo.

A utilização das redes sociais pode permitir uma aprendizagem colaborativa pela partilha de informações, com base numa abordagem socio construtivista, surgindo como instrumentos adequados a uma metodologia ativa de apoio face à metodologia tradicional.

Inicialmente, reflito sobre a pesquisa bibliográfica que efetuei, de forma a fundamentar a possibilidade da utilização desta ferramenta no Ensino, tendo por base a questão central do estudo: “Como pode a utilização do *Facebook* permitir a aprendizagem colaborativa entre os alunos e facilitar o ensino presencial?”

Para poder desenvolver a análise do trabalho colaborativo, criei uma página para a turma no *Facebook*. Os alunos apresentaram informações diversificadas, permitindo que todos os colegas tivessem a mesma oportunidade de participar, criando, deste modo, um dispositivo para uma aprendizagem colaborativa. Com base na teoria da aprendizagem colaborativa, segundo Meirinhos (2007), Meirinhos & Osório (2006) e Dias (2013), pretendi concretizar práticas de ensino nas aulas lecionadas, visando a compreensão do seu contributo para a criação e desenvolvimento de competências diversificadas dos alunos, e de como o desenvolvimento dessas competências contribuem para a aprendizagem autónoma e para a criação e construção de conhecimento.

Nesse sentido, na planificação e lecionação das aulas de Economia apliquei, métodos e técnicas apoiadas na pedagogia colaborativa, designadamente, o trabalho de grupo e a utilização da rede social, sendo indispensável uma formação do professor ajustada a esta nova metodologia de ensino e tecnologia de comunicação.

**Palavras-chave:** Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), Ensino Colaborativo, Construção de Conhecimento, Construtivismo, Rede Social.

## Abstract

The current Report of Supervised Teaching Practice falls within the analysis and conclusions after teaching the school subject of Economics to an 11th grade class in a Vocational School, and it focus on the use of *Facebook* as a tool to promote collaborative teaching methodology.

The use of social networks can allow a collaborative teaching approach by sharing information based on socio-constructivism, providing appropriate tools to support an active methodology as an alternative to traditional teaching methodology.

To begin with, I comment upon the bibliography research I did in order to support the possibility of using this tool as a teaching approach. ‘How can the use of *Facebook* allow a collaborative teaching approach among students and help the teaching process within a classroom?’ is, thus, the basis and crucial question of the current work.

In order to develop the analysis of a collaborative teaching approach, I decided to create the 11th class a *Facebook* page. Students presented different information, allowing all classmates to have the same opportunities to participate, promoting, thus, a collaborative teaching approach. Based on the collaborative teaching theory, according Meirinhos (2007), Meirinhos & Osório (2006) and Dias (2013), I intended to put into action some teaching practices in the classes I was in charge of, aiming the understanding of its contribute to the creation and development of skills in the students and how the development of those skills contributed to an autonomous learning process and the creation of knowledge.

Bearing my aim in mind, in the lesson plans and class teaching of Economics, I used, in a qualitative perspective, approaches and techniques based on the collaborative pedagogy, namely group work and the use of a social network, where a teacher with an appropriate training adjusted to this new teaching methodology and communication technology was required.

**Keywords:** information and communication technologies (ICT), collaborative teaching, knowledge building, constructivism, social network.

## Agradecimentos

Durante o percurso para a aquisição do grau de Mestre em Ensino da Economia e Contabilidade foram muitos os obstáculos enfrentados. Porém, pela vontade própria para educar enquanto agente de socialização e para ensinar conhecimentos científicos que promovam a aprendizagem, trabalhei para obter a autorrealização, com o apoio de todos os professores e colegas do Mestrado, aos quais agradeço a colaboração e contributo ao longo deste processo para a construção do meu conhecimento.

Gostaria de agradecer, em especial, ao professor Dr. Tomás Patrocínio pela partilha de experiências profissionais, os ensinamentos pedagógicos e apoio incondicional na elaboração deste Relatório. Agradeço também à professora Ana Luísa Rodrigues pelo apoio fundamental à elaboração do Relatório, mostrando-se imprescindível para o esclarecimento das minhas dúvidas e fortalecendo a minha educação profissional e pessoal.

Agradeço também à minha entidade patronal, Escola Técnica e Profissional do Ribatejo, na pessoa da Dr.<sup>a</sup> Martinha Duro por ter possibilitado a lecionação das aulas supervisionadas na mesma escola. Agradeço ainda a todos os professores da instituição pela disponibilização incondicional nas trocas horárias de forma a permitir-me comparecer às aulas presenciais.

Gostaria de agradecer em especial à professora cooperante Rute Vicente, que possibilitou o meu enriquecimento como docente, partilhando sempre as suas experiências profissionais. Para além disso, agradeço a amizade e atenção para comigo, que se tornou imprescindível na minha vida.

Por último, agradeço à minha família, e em especial ao meu marido, por todo o apoio e compreensão nestes dois anos, principalmente no segundo ano que coincidiu com a minha gravidez.

*“Quanto maiores são as dificuldades a vencer, maior será a glória.”*

Cícero

## Índice Geral

Resumo	i
Abstract	ii
Agradecimentos	iii
Índice Geral	iv
Índice de Figuras	vi
Índice de Quadros	vi
Capítulo 1 – Introdução	- 1 -
1. Contextualização	- 3 -
1.1. Problemática e objetivos de estudo	- 5 -
1.2. Questões de investigação	- 6 -
1.3. Metodologia de intervenção	- 7 -
1.4. Organização do Relatório de Prática de Ensino Supervisionada	- 8 -
Capítulo 2 – Enquadramento	- 9 -
2. Enquadramento curricular e didático da prática de ensino	- 9 -
2.1. A tecnologia e o ensino profissional	- 12 -
2.2. O Ensino, os alunos e as redes sociais	- 15 -
2.3. O <i>Facebook</i>	- 16 -
Capítulo 3 – Contexto de intervenção	- 29 -
3. Caracterização da Escola	- 29 -
3.1.1. Princípios	- 30 -
3.1.2. Áreas de intervenção prioritárias	- 31 -

3.1.2.1. Área das aprendizagens	- 31 -
3.1.2.2. Área da cidadania	- 31 -
3.1.2.3. Área dos recursos humanos	- 32 -
3.1.3. Objetivos/Estratégias	- 32 -
3.1.3.2. Objetivos	- 32 -
3.2. Caracterização da turma	- 33 -
4. O Ensino de Economia	- 35 -
4.1. Caracterização da disciplina lecionada	- 37 -
4.1.1. Competências a desenvolver	- 39 -
4.1.2. Relação do programa curricular com a metodologia utilizada	- 40 -
4.2. Identificação da unidade didática lecionada	- 42 -
4.3. Objetivo do estudo	- 42 -
4.4. Competências a desenvolver	- 44 -
5. Problematização relativa à temática a lecionar	- 45 -
5.1. Aspetos críticos da temática	- 45 -
5.2. Problemas e/ou Dificuldades Identificadas	- 46 -
6. Aulas lecionadas – Plano de Trabalho	- 48 -
6.1. Princípios pedagógicos de ação	- 48 -
6.2. Planificação de Médio Prazo	- 50 -
6.3. Estratégias de intervenção e de avaliação das aprendizagens	- 55 -
6.4. Recursos e materiais didáticos	- 55 -
6.5. Planificação de curto prazo	- 57 -
6.5.1. Calendarização das aulas observadas	- 58 -
7. Avaliação da intervenção	- 65 -
8. Reflexão sobre as aulas	- 69 -

9. Conclusão	- 73 -
9.1. Limitações e Questões para Aplicações Futuras	- 77 -
10. Referências	- 78 -
10.1. Legislação	- 83 -
10.2. Referências eletrónicas	- 83 -
11. Anexos	- 84 -
Anexo A – Planificação da Unidade Didática	
Anexo B – Planos e Descrições das aulas lecionadas	
Anexo C – Recursos, Materiais Didáticos e Grelhas de Avaliação	
Anexo D – Questionários	
Anexo E – Diário de Campo	

## Índice de Figuras

Figura 1: Modelo de colaboração de Murphy (2004) (adaptado)	- 27 -
Figura 2: Fachada da Escola Técnica e Profissional do Ribatejo	- 29 -
Figura 3: Planta da sala de aula da turma	- 34 -

## Índice de Quadros

Quadro 1: Atributos de um professor <i>online</i> (Goulão, 2011, p.11)	- 16 -
Quadro 2: Descrição da Carga Modular da Disciplina de Economia	- 41 -



## **Capítulo 1 – Introdução**

A Iniciação à Prática Profissional é uma área curricular presente ao longo dos quatro semestres do curso de Mestrado em Ensino, visando a constituição de um contacto direto com o ensino, por parte do docente, sendo possível analisar, refletir, questionar e intervir em situações escolares, numa perspetiva profissional.

A unidade curricular de Iniciação à Prática Profissional IV dá continuidade às unidades curriculares de Iniciação à Prática Profissional I, II e III, distinguindo-se destas por ser possível assumir o papel ativo de professor, ao lecionar aulas.

O objetivo da unidade didática visa apresentar um conjunto de conclusões sobre as práticas profissionais do docente, tendo em atenção a gestão curricular, a prática letiva e o papel profissional do professor, após a observação e leção de aulas por parte do docente, e tendo sempre um professor orientador presente.

Desta forma, o presente Relatório de Prática de Ensino Supervisionada foi efetuado no âmbito da unidade curricular de Iniciação à Prática Profissional IV (IPPIV) do Mestrado em Ensino da Economia e da Contabilidade, sendo composto por três capítulos:

- O capítulo I introduz a contextualização inicial do processo da prática pedagógica, pela definição da problemática e da metodologia;

- O capítulo II debruça-se sobre o enquadramento, composto pela explicação da relação das novas tecnologias, nomeadamente da *Web 2.0*, focando essencialmente as redes sociais, com o processo de ensino aprendizagem. Neste capítulo é apresentada uma reflexão sobre a literatura de referência da área da disciplina de docência, proporcionando um enquadramento da problemática definida para o trabalho. Ao longo de todo o Mestrado este conhecimento foi adquirido através de leituras para as unidades didáticas do curso e de toda a planificação e prática. Neste capítulo, aborda-se, então, a necessidade de um professor se adaptar ao contexto escolar, repensando as metodologias utilizadas. Atualmente, os jovens vivem voltados para as tecnologias, devendo então o professor passar a utilizar estas como forma de motivação para o ensino. Com base no construtivismo social de Vygotsky (1978, 1992), de acordo com Pires Morais & Neves (2004), as tecnologias permitem através das redes sociais uma relação mais próxima entre alunos e professores, construindo o conhecimento através da interação. O Ensino Profissional

é pautado pela preparação dos alunos para uma relação de responsabilidade e proximidade com o mercado de trabalho, recorrendo-se ao ensino com utilização das tecnologias, focando as relações entre os alunos e as redes sociais, nomeadamente, a aprendizagem colaborativa. A rede social *Facebook* é a base da prática de ensino desenvolvida com pendor investigativo, sendo apresentadas as características e funcionalidades essenciais no ensino recorrendo a esta ferramenta, com base nas teorias de aprendizagem *online*, fomentado pelo modelo de colaboração de Murphy (2004, pp.422-423), em que a aprendizagem colaborativa culmina na construção de um conhecimento comum.

– O capítulo III apresenta o contexto de intervenção, ou seja, o planeamento e o desenvolvimento do trabalho concreto realizado na escola, com base nas considerações teóricas, que teve como objetivo analisar a utilização do *Facebook* como uma ferramenta de ensino colaborativo.

As aulas foram lecionadas na Escola Técnica e Profissional do Ribatejo, numa turma de 11.º ano do curso Técnico de Comércio, na disciplina de Economia. Neste sentido, em primeiro lugar, foi efetuada uma caracterização da escola e da turma em questão. Em seguida, procedeu-se a uma breve abordagem sobre ensino da Economia, com base na importância desta na sociedade atual, enquadrando a unidade letiva a lecionar e tendo em conta a importância desta disciplina nos tempos atuais.

No primeiro semestre (em IPPIII<sup>1</sup>) foram observadas e lecionadas algumas aulas na turma da professora cooperante da escola acima referida, que permitiram um conhecimento aprofundado da turma, conforme se poderá constatar no Diário de Campo (Anexo E) que contém a descrição e reflexões sobre o trabalho desenvolvido. Sendo professora das disciplinas técnicas (CPV<sup>2</sup> e OGE<sup>3</sup>), já conhecia as características da turma. Porém, ao lecionar a disciplina de Economia, observei que a relação dos alunos é distinta nesta disciplina, algo interessante para o presente estudo. No segundo semestre, em IPPIV<sup>4</sup>, foi selecionado o módulo 6 – *A Interdependência das Economias Atuais*, para planificar e organizar os conteúdos programáticos. Assim, apresentam-se as planificações, as estratégias, os recursos e ferramentas utilizadas tendo em conta a problemática apresentada. Para responder à problemática apresentada foi criada uma página da turma no *Facebook* onde os

<sup>1</sup> Introdução à Prática Pedagógica III

<sup>2</sup> Comunicar no Ponto de Venda

<sup>3</sup> Organizar e Gerir a Empresa

<sup>4</sup> Introdução à Prática Pedagógica IV

alunos apresentaram e discutiram as pesquisas efetuadas por si. Foi possível averiguar que através da rede social o ensino de economia na turma acaba por ser mais motivador e permite uma maior participação entre os alunos.

Este capítulo inclui ainda a avaliação da intervenção efetuada através de um inquérito aplicado aos alunos (anexo D) sobre a utilização do *Facebook* no ensino da Economia. Por fim, é apresentada a síntese conclusiva do trabalho desenvolvido, sendo propostas também questões de interesse científico para uma investigação futura.

## **1. Contextualização**

O processo de ensino e de aprendizagem reveste-se de grande complexidade devido aos seus intervenientes e à potencialidade de imprimir mudanças na sociedade. No quotidiano, os profissionais dedicados à Educação deparam-se com uma grande variedade de questões, tais como o insucesso escolar dos alunos, a dificuldade de gerir os conteúdos programáticos com a sua contextualização e respetiva motivação. Os professores, perante este conjunto de dificuldades, investigam sobre a sua prática de forma a superar estas barreiras, sendo que para tal o professor deve ter consciência do seu papel como decisivo na construção de cidadãos mais ativos, informados e críticos.

O insucesso dos alunos relativamente a objetivos de aprendizagem curricular e até a objetivos básicos de socialização e enculturação; a desadequação dos currículos em relação às necessidades dos públicos a que se destinam; o modo ineficaz e desgastante como funcionam as instituições educativas; a incompreensão de grande parte da sociedade, a começar pelos meios de comunicação social, para as condições adversas em que se trabalha na educação (Ponte, 2004, p.2).

O ensino, segundo Ponte (2002, pp.1-2), não é algo rotineiro mas sim uma atividade intelectual e de gestão de recursos e de pessoas que tem de ser constantemente explorada, avaliada e reformulada necessitando que os professores avaliem a sua prática continuamente. É também uma atividade reflexiva e inquiridora, geralmente realizada pelos professores de um modo intuitivo e não do modo formal, próprio da investigação académica. Segundo este autor, há quatro grandes razões para que os professores façam pesquisas sobre a sua prática. Por um lado, para obter meios que lhes permitam enfrentar os problemas emergentes do

campo curricular e profissional; por outro lado, como modo de desenvolvimento profissional; além disso, para contribuírem para a construção de um património de conhecimento dos professores como grupo profissional; finalmente, como contributo para um conhecimento mais geral sobre os problemas educativos.

É nesta perspetiva de análise da prática docente que se insere este relatório, verificando se a utilização de tecnologia no quotidiano dos alunos permite a aprendizagem de conteúdos e competências programáticas de uma disciplina.

Segundo Costa (2009, p.294), tendo por base Cardoso & al. (2005) e Ponte (2004), os alunos que frequentam as nossas escolas hoje mudaram profundamente na sua composição social, interesses, solicitações, estilos de vida e valores culturais, o que faz com que seja impossível ignorar estas mudanças, fomentando no professor exigências metodológicas distintas que se afastam cada vez mais daquilo que tradicionalmente lhes era exigido e levando-o a alterar as suas metodologias de trabalho. Para Costa (2009, pp.295-296), a sociedade hoje é informatizada, tendo a escola alguma dificuldade em acompanhar esta mudança, será necessário a definição da intervenção educativa em relação:

- ao incremento significativo dos fluxos de informação, que exige uma acrescida preparação dos cidadãos em relação à seleção dos conteúdos apresentados, dando valor efetivo à informação disponível;
- à rapidez de processos e das próprias transformações operadas na sociedade, o que dificulta a reflexão e abstração com o conseqüente risco de superficialidade, falta de estruturação e fundamentação das opções tomadas para a compreensão e intervenção no mundo;
- à complexidade, imprevisibilidade e interdependência das relações que se estabelecem entre os indivíduos e instituições à escala global, ou seja, uma rede de inter-relações, deixando de ser possível dominar todas as variáveis envolvidas e diminuindo a capacidade de antecipação de aspetos imprevisíveis.

Tendo em conta este contexto, a escola deverá investir na capacidade crítica e no desenvolvimento de competências digitais e transversais (aprender a aprender).

Este Relatório incide sobre o estudo e metodologia profissional do docente, com base uma turma do Curso Profissional de Técnico de Comércio, na disciplina de Economia, tendo em conta a relação dos conteúdos, a preparação dos alunos para um trabalho em equipa e o recurso a novas tecnologias. O programa de Economia do Ensino Profissional propõe “a utilização de metodologias ativas que potenciem um

processo contínuo de construção e reconstrução dos saberes, por parte do aluno, transformando-se este num produtor e não num consumidor de saberes.” (Programa de Economia, Ministério da Educação (2004-2005, p.5). Desta forma, os professores devem investir na capacidade crítica, no desenvolvimento de competências, inclusive as digitais para que os alunos investiguem e aprendam de forma autónoma com o apoio dos docentes.

A seleção deste tema incide principalmente sobre o facto dos alunos da turma, algumas vezes, demonstrarem incapacidade de relacionamento o que, como futuros profissionais, não é favorável. Além disso, a utilização desta ferramenta representa um estímulo para que os alunos possam trabalhar após o horário escolar, pois estes queixam-se de chegar tardiamente a casa, visto o horário escolar terminar às 18 horas e 15 minutos. Para além disso, este tema foi selecionado com base na relação que detenho como docente com os alunos da referida turma e por me ter apercebido da utilização constante do *Facebook* por parte dos alunos, e também pelo interesse, curiosidade e gosto por aprender mais sobre o tema em questão. Pierre Lévy (1997, p.28) refere-se às novas tecnologias como fazendo parte de uma sociedade global, já que todos são afetados pelos processos que têm lugar nas redes globais desta estrutura social dominante, diminuindo as distâncias e aproximando as pessoas com interesses comuns. Neste caso é possível considerar cada aluno como um agente difusor. Lévy (1997, p.28) refere-se à Internet como um espaço onde as informações digitais circulam, permitindo a construção e partilha de inteligência coletiva.

Os serviços de redes sociais atingiram hoje uma importância que dificilmente será alterada ao longo dos tempos. As suas características sociais, utilização e partilha tornaram-se muito atrativas para todos os cidadãos, mas principalmente para os jovens. O docente pode tirar partido destes interesses para a aprendizagem, através da utilização da rede social, para que os alunos interajam entre si e colaborem de forma a promover a aprendizagem e visando a aquisição de competências e conteúdos programáticos.

### **1.1. Problemática e objetivos de estudo**

Os métodos de ensino do professor não devem ser estáticos, devem acompanhar a forma de estar e ser dos jovens. Se analisarmos o estereótipo de aluno

há dez anos, este é distinto do atual, estando cada vez mais próximo e dando elevada importância à tecnologia informática.

Esta investigação de sala de aula tem como objetivo principal encontrar estratégias de motivação dos alunos para o estudo da economia, tendo em atenção que os mesmos pertencem a uma turma do ensino profissional, técnicos de comércio, fomentando a troca de conhecimentos de uma forma colaborativa e aprendendo a trabalhar em conjunto.

O problema apresentado, “Como pode a utilização do *Facebook* permitir o ensino colaborativo entre os alunos e facilitar o ensino presencial?” permitiu analisar e questionar as metodologias utilizadas nas aulas de economia, e se estas são as mais adequadas atualmente, assim como, se a utilização do *Facebook* leva à motivação para a aprendizagem colaborativa entre os alunos, de forma a partilharem conteúdos de acordo com o programa da disciplina, tornando a sua formação profissional e pessoal mais rica.

A prática de ensino tem incidência na pertinência da introdução de uma nova prática pedagógica, recorrendo a um meio de interação utilizado no quotidiano dos alunos, na qual estes passam grande parte do seu tempo.

## **1.2. Questões de investigação**

A iniciativa da utilização de uma nova ferramenta para motivar os alunos para o estudo, a rede social *Facebook*, tem como objetivo compreender se é possível através desta desenvolver um ensino colaborativo e uma participação mais ativa entre os alunos de forma a melhorar os resultados académicos e proporcionando-lhes maiores capacidades críticas no quotidiano.

Com este objetivo, é possível enunciar as seguintes questões de investigação para a prática de ensino:

- Como é que o ensino colaborativo permite melhorar a compreensão dos conteúdos programáticos?
- Tendo em conta o perfil dos alunos, a utilização do *Facebook* permitirá motivar os alunos para uma participação mais ativa?
- Pode a utilização do *Facebook* ser um método adequado para apoiar o estudo dos alunos em sala de aula e à distância?

### 1.3. Metodologia de intervenção

Para alcançar os objetivos pretendidos com este trabalho foi necessário investigar uma metodologia, recorreu-se a uma pesquisa bibliográfica relacionada com as estratégias e metodologias de ensino e a utilização das tecnologias que permitiu obter um enquadramento teórico do tema em estudo. Foi necessário, para escolher um tema, reconhecer as características e problemas relevantes da turma em causa, através da caracterização da turma e da Escola Técnica e Profissional do Ribatejo. Para tal, durante estes dois semestres foi necessário analisar o contexto escolar onde atualmente exerço funções de docência e observar a turma em causa para compreender o funcionamento da mesma, e, por fim, lecionar aulas na turma em questão de forma a ser possível realizar este Relatório de Prática Letiva Supervisionada.

O objetivo da elaboração deste Relatório visa uma análise descritiva e interpretativa, sendo necessário recorrer a uma metodologia qualitativa,

o que significa ricos pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outros sim, formuladas com o objetivo de investigar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. (Bogdan & Biklen, 1994, p.16).

Bogdan & Biklen (1994) consideram que se deve apresentar o maior rigor na observação e recolha de informação neutralizando as imagens estereotipadas. Neste sentido incorporar a perspetiva qualitativa significa: ser auto consciente, pensar ativamente e agir como investigador qualitativo.

A abordagem qualitativa necessita, da parte do investigador, o desenvolvimento da empatia para com os indivíduos pertencentes à investigação, esforçando-se na compreensão e desenvolvimento de determinadas situações, e interpretando de forma não tendenciosa. A investigação é uma atitude, uma perspetiva que as pessoas tomam face a objetos e atividades, ou seja, uma ação de recolha de informação sistemática com o objetivo de promover a mudança social, permitindo um acesso a informação que leva à compreensão dos factos, tornando os planos do investigador mais credíveis.

Segundo Bogdan, & Biklen (1994, p.16),

os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outras sim, formuladas com o objetivo de investigar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural.

A investigação qualitativa, por permitir a subjetividade do investigador na procura do conhecimento, permite uma maior diversificação nos procedimentos metodológicos utilizados. Para Bogdan & Biklen (1994, p.16), o facto de se pretender recolher dados no ambiente natural em que as ações ocorrem, de se descrever as situações vividas pelos participantes e interpretar os significados que estes lhes atribuem, justifica a realização de uma abordagem qualitativa.

#### **1.4. Organização do Relatório de Prática de Ensino Supervisionada**

O relatório está dividido em três capítulos principais. No capítulo 1, consta uma introdução geral sobre o trabalho realizado, fazendo a contextualização do estudo, dando conta dos objetivos, do problema e questões de investigação, metodologia de investigação e onde é apresentada a organização do Relatório.

O capítulo 2 apresenta uma fundamentação teórica, uma reflexão sobre a literatura que justifica a utilização de uma nova ferramenta tecnológica para o ensino, baseada nos conceitos de cooperação e colaboração e incidindo, em particular, no modelo de colaboração de Murphy (2004). São ainda explorados os fundamentos e as potencialidades da *Web 2.0*, os serviços de redes sociais para a Educação, e são também descritos alguns princípios e utilidades das redes sociais.

No capítulo 3 é exposta a descrição do estudo realizado relativamente à metodologia utilizada, aos instrumentos de recolha de dados e à implementação do estudo. São ainda apresentados e analisados os resultados obtidos. Estes são apresentados em conjunto com as proposições e é feita a correspondência entre cada evidência obtida pelos instrumentos de recolha e as questões de investigação.

E por fim, são apresentadas as conclusões resultantes da implementação do estudo e explicitadas as limitações encontradas.



## **Capítulo 2 – Enquadramento**

### **2. Enquadramento curricular e didático da prática de ensino**

Segundo Coutinho (2005, p.1), a aprendizagem é um processo ativo de construir, não apenas de adquirir conhecimento. O objetivo do Ensino é ajudar nessa construção e não apenas transmitir conhecimento.

O processo de ensino e aprendizagem é bastante complexo, tendo em conta que promove várias mudanças na sociedade. Neste âmbito, o professor desempenha um papel decisivo na preparação e acompanhamento dos jovens como futuro de uma sociedade, apostando em indivíduos mais ativos e informados.

De acordo com Roldão (2009), ensinar é explicar os conteúdos, factos, teorias que fazem parte da cultura que deve ser passada a outra geração; ensinar é facilitar o trabalho de aprender que os alunos devem desenvolver autonomamente; é organizar e apresentar conteúdos e colocar questões que levem os alunos a pensar, ou seja, ensinar consiste em “desenvolver uma ação especializada, fundada em conhecimentos próprios, de fazer com que alguém aprenda alguma coisa que se pretende e se considera necessária.” (Roldão 2009, p.14)

Perante a sociedade atual, e sendo os alunos parte integrante dessa, é necessário adaptar os conteúdos curriculares de forma a promover junto dos alunos a aprendizagem. Esta adaptação das metodologias de ensino promove uma interpretação dos métodos de trabalho de cada docente, para cada disciplina, programa e alunos, levando a uma investigação da prática profissional. Segundo Ponte (2002, p.2), esta investigação contribui para o esclarecimento, resolução de problemas e desenvolvimento profissional dos respetivos atores, melhorando as organizações em que eles se inserem e, em certos casos, pode ainda contribuir para o desenvolvimento da cultura profissional nesse campo de prática e até para o conhecimento da sociedade em geral.

O professor, atualmente, não tem apenas o papel de transmitir conhecimento, tornou-se um elemento social devendo ser capaz de experimentar diferentes formas de trabalho que permitam compreender os modos de pensar e as dificuldades dos alunos contribuindo para melhorar as suas aprendizagens.

Os resultados destas formas de trabalho têm de ser avaliados e, por isso, há necessidade do professor refletir sobre as suas práticas. Nóvoa, (1997, p.25), refere

que, para além da necessidade permanente de atualização, "a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal".

O professor tem o papel de proporcionar aos seus alunos o máximo de oportunidades de aprendizagem, sendo necessário estar atento ao processo de desenvolvimento dos adolescentes, que, nesta fase, estão a atravessar várias transformações a nível físico, cognitivo, psicossocial e moral, e às suas motivações, auto estima e auto conceito, bem como às estratégias de ensino aprendizagem.

Assim, o professor deve compreendê-los, conseguir captar as suas motivações de forma a mantê-los motivados para a aprendizagem.

Vygotsky, segundo Pires & Neves (2004) defende que a motivação é um conceito muito importante dentro das teorias da aprendizagem pois traduz-se na facilidade ou dificuldade que um indivíduo tem em aprender ou em esforçar-se para modificar situações indesejáveis da sua vida. A motivação nunca atua separada, nem da aprendizagem, nem da perceção; estes aspetos estão em constante interação, influenciando-se mutuamente.

Com base na Teoria Sociocultural do Desenvolvimento Cognitivo de Vygotsky, a aprendizagem envolve a construção social do conhecimento, para o qual é fundamental a natureza das interações sociais que o professor promove no contexto de sala de aula. (Pires, M. & Neves, 2004, p. 3).

Com base na teoria de Vygotsky, Fino & Sousa (2001, pp.10-11), referem que se devem proporcionar atividades: que estimulem o desenvolvimento cognitivo, permitindo a manipulação, com a ajuda de um outro mais capaz (par ou professor), promovendo a colaboração, igualmente significativa em termos de desenvolvimento, entre alunos que realizam a mesma tarefa ou desenvolvam o mesmo projeto.

O ensino de Economia no Ensino Secundário visa a promoção de ferramentas fundamentais para os alunos, de forma a compreenderem a dimensão económica da realidade social. Atualmente, essas ferramentas são tão utilizadas nos meios de comunicação social que podem assim ajudar na formação do cidadão, educando para a cidadania, para a mudança e para o desenvolvimento.

Este tipo de ensino está focado no relacionamento entre o professor e o aluno, o que, segundo Azevedo (2007, p.53), influencia a qualidade das aprendizagens. O ambiente vivido nas escolas profissionais, está voltado para a relação existente no

mercado de trabalho. É um ambiente humanitário e cooperativo, onde são partilhadas experiências e interesses acabando por dar mais importância à experiência de cada aluno e professor. Este facto promove um aproveitamento superior, urgindo a necessidade da parte do professor, de estar alerta para a compreensão do que se passa na mente dos seus alunos, de forma a “*instaurar um diálogo sobre o saber e a aprendizagem.*” (Pacheco (1999, p.73) citado em Azevedo (2007, p.53)).

Este clima relacional promove a aprendizagem através da cooperação, entre professor e alunos, estando sempre que possível o professor disponível para apoiar a aprendizagem dos alunos.

A rede social é um espaço social que se baseia na interação e o *Facebook* detém, atualmente, ferramentas, possíveis de desenvolver conteúdos de uma forma colaborativa, sendo possível discutir e trocar ideias, e permitindo aos alunos transformar os conteúdos externos em conteúdos internos, ou seja, alargarem os seus conhecimentos específicos, enriquecendo a compreensão e participação na sociedade.

De acordo com Pinto e Teixeira (2011, p.5), com base no *Netpanel* da *Marktest*, no primeiro semestre de 2010, em Portugal, os jovens dos 15 aos 24 anos são os que apresentam maior afinidade com as redes sociais. Nesta faixa etária, são 88.7% os que acederam a sites sociais naquele período.

Os serviços de redes sociais atingiram, uma importância, que nunca se imaginara até à data. As suas características relativas à comunicação social, de utilização e partilha fácil, tornaram as redes sociais mais atrativas para todas as idades, principalmente para as faixas etárias mais jovens. Atualmente, é necessário criar metodologias de ensino capazes de cativar os alunos para a concentração, participação e motivação no ensino, adequando o sistema educativo à realidade social. A escola pode tirar partido deste interesse e canalizá-lo para a aprendizagem se conseguir que, através da utilização de serviços de rede social, os alunos interajam entre si e, colaborando, desenvolvam as competências essenciais previstas nos currículos nacionais dos diferentes níveis de ensino e as competências específicas definidas nos programas das várias disciplinas. Ao analisar os objetivos do programa de Economia do ensino profissional, juntamente com a importância que as tecnologias têm na vida dos alunos, é possível perceber, em que medida a utilização do *Facebook*, permite apoiar o ensino presencial pela criação de um

espaço potenciador da utilização das ferramentas por parte dos alunos de forma colaborativa, partilhando assim questões, curiosidades, conclusões e trabalhos.

Este Relatório visa mostrar como é possível motivar os alunos para o ensino da disciplina de Economia no ensino profissional através da utilização de uma rede social, que faz parte do seu quotidiano, promovendo assim um investimento de tempo e esforço no estudo diário. Desta forma, o objetivo principal consiste em aumentar as competências e motivação dos alunos para a aprendizagem do ensino de Economia, reconhecendo a vantagem desta rede social, passando a utilizá-la como uma prática pedagógica da disciplina.

## **2.1. A tecnologia e o ensino profissional**

Ao longo dos anos tem-se vindo a verificar uma evolução constante e rápida nos hábitos e métodos de aprendizagem dos alunos, estando hoje e cada vez mais presente a tecnologia entre estes. Se analisarmos os nossos métodos de trabalho, como docentes, deparamo-nos com o recurso a tecnologias informáticas em detrimento de outras mais tradicionalistas. As tecnologias disponíveis permitem captar, armazenar, organizar, pesquisar, recuperar e transmitir informações e conhecimentos de forma mais acessível e rápida, sendo possível ainda partilhá-los entre os alunos. Além disso, estão sempre disponíveis para serem acedidos através de várias ferramentas, sendo a mais reconhecida e utilizada pelos adolescentes, o *Facebook*.

Atualmente, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) fazem parte do quotidiano dos alunos, tal como a Internet, nomeadamente, a WWW (*World Wide Web*). Patrocínio, T. (2001) refere que

nesse sentido consideramos novas relações professor/aluno geradas pelas possibilidades emancipatórias da relação pedagógica no contexto da integração das TIC no processo educativo, o que suscita uma formação de professores mais holística e ainda a assunção pelos atores locais dum processo de construção da autonomia da escola e da sua identidade com base em projetos de educação inovadores dando centralidade à pessoa-aluno. (p.31)

A Internet, gradualmente assumiu-se como uma ferramenta de conetividade e colaboração, apresentando diversas ferramentas e aplicações cada vez mais interativas e fáceis de utilizar, tornando-se o meio de comunicação por excelência desta sociedade global. Neste contexto surge também o conceito de ciberespaço, que

Lévy (1997, p.29) define como um espaço de comunicação aberto pela interligação mundial dos computadores e das memórias informáticas, ou seja, é o espaço onde as informações digitais circulam, permitindo às pessoas a construção e partilha de informação coletiva, sendo que é através da *Web 2.0* que os utilizadores produzem, difundem e acedem à informação.

Lévy propõe uma reflexão sobre os sistemas educativos face a uma nova relação com o saber. A quantidade de informação, a velocidade com que esta circula, a permanente renovação desta, faz com que se observe uma nova configuração dos métodos de trabalho e até da aquisição de conhecimentos. Estes fatores condicionam e questionam os modelos tradicionais de ensino e formas de transmissão dos saberes. Surge a necessidade, de criar um novo estilo de pedagogia em que o professor incentive os alunos a construir o intelecto através da busca de informações, apresentando-se como um mediador entre quem aprende e a fonte de informação: " O docente torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos de que se encarrega. A sua atividade centrar-se-á no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: a incitação à troca de saberes, a mediação relacional e simbólica." (Lévy, 1997, p.184) A este propósito, a União Europeia deixa algumas recomendações:

Não basta adquirir uma formação sobre os instrumentos e um conhecimento técnico. É igualmente importante encarar as novas tecnologias no âmbito de práticas pedagógicas inovadoras e integrá-las nas disciplinas, de modo a fomentar a interdisciplinaridade. Urge igualmente codificar as aprendizagens que não sejam de natureza técnica necessárias a uma utilização adequada das tecnologias: trabalho em grupo, planificação das atividades, trabalho em rede, combinação de módulos de aprendizagem autónoma com aulas convencionais, trabalho à distância e presencial (Comissão das Comunidades Europeias, 2001, p.13).

A Internet, com foco nas redes sociais, permite ao estudante trabalhar cooperativamente, através da troca de informações com os seus pares. Assim sendo, os métodos tradicionais acabam por ser ultrapassados pelo ciberespaço, o que potencia a aprendizagem e que favorece a construção do conhecimento através da partilha e cooperação:

As novas possibilidades de criação coletiva distribuída de aprendizagem cooperativa e de colaboração em redes abertas pelo ciberespaço tornam a pôr em questão o funcionamento das instituições e os modos habituais da divisão do trabalho tanto nas empresas como na escola. (Lévy, 1997, p.184)

O professor deve, atualmente, promover a educação à distância e a utilização de recursos educacionais que favoreçam novas práticas pedagógicas, novas metodologias que orientem o aluno para a busca do saber, para a prática da colaboração, para a necessidade da atualização do saber.

Esta nova metodologia foca como peça central o aluno, atendendo aos hábitos deste, a utilização de um serviço de rede social, onde este interage com os restantes alunos que utilizam o mesmo recurso, permitirá a partilha e alargamento dos seus interesses e conhecimentos.

Tendo em conta que o estudo foi efetuado numa turma do ensino profissional, nomeadamente, do curso Técnico de Comércio, na disciplina de Economia, impõe-se que os alunos recorram a tecnologias informáticas de forma a desenvolver técnicas de trabalho no domínio da pesquisa, do tratamento e apresentação da informação, a promover a utilização das tecnologias da informação e comunicação, a desenvolver a capacidade de trabalho individual e em grupo, a fomentar a interiorização de valores de tolerância, solidariedade e cooperação, e a promover a educação para a cidadania, para a mudança e para o desenvolvimento. Para que estas competências sejam adquiridas pelos alunos, não é possível restringir-se apenas à transmissão de conteúdos por parte do professor; é necessário que o aluno construa uma autonomia própria de forma a racionalizar os seus conhecimentos, participando de forma ativa na sua construção.

O currículo disciplinar de Economia está direcionado para a pesquisa, de forma a valorizar o aluno como cidadão crítico e responsável, ou seja,

transmitir um conjunto de saberes humanísticos, científicos e técnicos no sentido de desenvolver as competências vocacionais dos alunos orientadas quer para uma efetiva inserção no mundo do trabalho, quer para o exercício responsável de uma cidadania ativa. (Programa Curricular de Economia (2004-2005, p.3))

Com o recurso às tecnologias informáticas, é possível estabelecer um contacto permanente com os alunos, como referindo anteriormente, e incentivar a partilha de conteúdos, pois é assim “que os jovens enriquecem os seus conhecimentos e se desenvolvem, ao aprenderem a aceitar as opiniões dos outros, a confrontá-las com as suas e a fundamentarem as suas opiniões.” (Programa Curricular de Economia, p.3)

É com base nesta fundamentação, que este estudo assenta na utilização da rede social, *Facebook*, para a construção de um conhecimento mais rico nestes alunos.

## **2.2. O Ensino, os alunos e as redes sociais**

Atualmente, as redes sociais fazem parte do quotidiano dos alunos. O *Facebook* é a rede social mais utilizada pelos portugueses, mais concretamente por 95% da sociedade que utiliza as redes sociais, segundo a *Marktest* tendo em conta o estudo *Os Portugueses e as Redes Sociais*, que pretende “conhecer índices de notoriedade, utilização, opinião e hábitos dos portugueses face às redes sociais”.

A rede social é reconhecida pelo carácter social, informal, atrativo e participativo pelo qual os jovens são atraídos.

O professor atual pode redefinir as suas estratégias pedagógicas de modo a cativar os alunos para a aprendizagem através das redes sociais, nomeadamente, o *Facebook* é considerado um canal de comunicação e uma ferramenta que possibilita a criação de um ambiente de aprendizagem efetivo, participativo e interativo, levando-os a pesquisar, partilhar de forma cooperativa, e trabalhar em conjunto para o desenvolvimento do seu conhecimento. A escola é, hoje, um meio de transmissão de conteúdos e um meio socializador, sendo necessário acompanhar as mudanças e comportamento dos alunos e sociedade, redefinindo as estratégias de ensino.

Simão & Gouveia (2008, p.25), afirmam que nascer nesta sociedade com acesso à Internet, não indica que os alunos possuam habilidades tecnológicas sofisticadas, visto depender da classe social e poder económico.

O livro Verde para a Sociedade da Informação (1997), refere que os professores têm um papel determinante na formação de atitudes, positivas e negativas, face ao processo de ensino e aprendizagem. O professor deve estimular a curiosidade, promover a autonomia e ferramentas para uma educação formal. Para além de formador, segundo Goulão (2011, pp.9-10), o professor deve motivar, dinamizar grupos de trabalho e as suas interações, avaliar as aprendizagens e criar recursos, devendo reciclar-se continuamente, as matérias, através da investigação e da reflexão sobre a sua prática, tanto sozinho, como acompanhado por outros docentes. Tem de estar sempre atento à pertinência dos conteúdos, aos planos curriculares e à bibliografia de referência. O professor deverá conhecer a tecnologia,



estar informado do seu papel e desenvolver uma atitude positiva face a este novo cenário vivenciado pelos jovens e por si, onde são necessários os professores pró-ativos, que se espera antecipem necessidades e dificuldades, sigam as aprendizagens dos alunos.

Ser docente num ambiente à distância não é só uma questão de adquirir um determinado número de conteúdos, é, sobretudo, uma alteração de mentalidade e de postura perante o processo de ensino-aprendizagem. O docente deve acompanhar, motivar, dialogar, ser líder e mediador, fomentando e mediando uma interação humana positiva. (Goulão, 2011, p.9)

Segundo este autor, é possível repartir as responsabilidades do professor em quatro áreas, que se resumem no quadro seguinte:

<b>Atributos de um Professor Online</b>	
Área Pedagógica	Animador, dinamizador, moderador, facilitador, comunicador, líder e motivador.
Área Social	Criador de ambientes positivos e amigáveis que fortaleçam as interações e os trabalhos colaborativos.
Área Técnica	Conhecedor e manipulador das TIC.
Área Organizativa	Planificador e decisor da agenda, dos objetivos, das avaliações das matérias por que é responsável.

Quadro 1: Atributos de um professor *online* (Goulão, 2011, p.11)

Desta forma é possível hoje, o professor controlar a sala de aula e influenciar os alunos a melhorar o seu desempenho através das redes sociais, ou seja, o professor deve acompanhar o aluno nesta rede estimulando-o a ser mais ativo na disciplina. Tal como refere Bogdan & Biklen, “ao refletir sobre um tópico, os sujeitos podem estimular-se uns aos outros, avançando ideias que se podem explorar mais tarde.” (1994, p.138).

As redes sociais, neste caso o *Facebook*, contém uma variada gama de ferramentas úteis para esta interação e exploração de conteúdos, sendo importante para o professor rentabilizar ao máximo a mesma para atrair os jovens para a investigação a título pessoal.

## 2.3. O Facebook

O *Facebook* (<http://www.facebook.com>) é uma das redes sociais mais utilizadas no mundo, onde é possível a partilha, interação e discussão de ideias e



temas de interesse comum. Esta ferramenta é marcada por um ambiente informal em que qualquer indivíduo se sente à vontade para comunicar, partilhar e interagir. Esta ferramenta é bastante atrativa para os jovens, de acordo com o estudo *Crianças e Internet: Usos e Representações, Família e a Escola*, de 2010, coordenado pela investigadora Ana N. Almeida, que mostra que 66% dos jovens utilizam a internet para publicar textos, imagens, músicas ou vídeos em blogues ou perfis de redes sociais. Este estudo demonstra a importância da rede social no quotidiano das gerações mais novas. As ferramentas Web 2.0, como as redes sociais, possibilitam diversas oportunidades para a criação de um ambiente de aprendizagem efetivo, eficaz e envolvente. A inovação, a colaboração, a interação, a partilha, a participação, o pensamento crítico e reflexivo, são algumas das palavras-chave da utilização da Web 2.0 em contexto educativo. (Coutinho & Junior, 2007, p.203).

O valor pedagógico destas ferramentas não é intrínseco, reside na maneira como são usadas, na forma como os professores as integram nas suas práticas didáticas e nos contextos de desenvolvimento de tarefas dadas aos alunos. Muitas vezes a adoção de tecnologias na educação é feita reproduzindo velhas fórmulas e métodos, agora desenvolvidos com novas ferramentas. Ou seja, qualquer tecnologia, só por si, não muda a pedagogia. A conjugação entre os avanços tecnológicos permitidos pelas ferramentas da Web 2.0 e os avanços na investigação na área das teorias de aprendizagem pode permitir, na atualidade, a construção de contextos promotores de aprendizagem como até aqui nunca foi possível. Os professores têm, então, um papel fundamental que é o de escolher as tecnologias que melhor se adequam aos seus objetivos educacionais e combiná-las de forma a obter os resultados pretendidos.

Segundo Castells (2004, p.7), a Internet constitui a base tecnológica que permite pela primeira vez a comunicação de muitos para muitos em tempo escolhido e a uma escala global. Entende-se por rede um grupo de indivíduos que, de forma agrupada ou individual, se relacionam uns com os outros, com um fim específico, caracterizando-se pela existência de fluxos de informação.

Os serviços de redes sociais surgiram, segundo Boyd & Ellison (2007, p.3), em 1997 com o *SixDegrees.com* e proliferaram até à atualidade desenvolvendo-se vários serviços, mas que partilham características idênticas segundo os autores, tais como construir um perfil público ou semipúblico dentro de um sistema delimitado,

gerir uma lista de utilizadores com os quais há partilha de contactos, ou ver a sua lista de contactos e os contactos de outros dentro da rede.

A natureza e a nomenclatura destes contactos pode variar de um servidor para outro mas normalmente num serviço de rede social temos a possibilidade de:

- Colocar mensagens no perfil do utilizador (por exemplo no mural do *Facebook*);
- Partilhar objetos com os outros (fotografias, vídeos, músicas, páginas *Web*);
- Utilizar sistemas de conversação assíncrona, como os fóruns de discussão;
- Escrever textos mais ou menos longos como as notas do *Facebook*;
- Enviar mensagens privadas a outros utilizadores da rede utilizando um serviço de correio eletrónico;
- Adicionar comentários a objetos colocados por outros utilizadores;
- Criar grupos de interesse para tratar temas específicos;
- Utilizar serviços de chat para falar em tempo real com outros membros da rede.

Alguns destes serviços permitem que as redes sejam criadas pelo utilizador em servidores externos, que podem ser configuradas à medida dos objetivos que se pretendem e fechadas, permitindo o acesso apenas aos utilizadores registados. Os utilizadores só estão em contacto com os elementos da sua própria rede. Nos serviços de redes sociais alojadas por terceiros há grandes redes, como o *Facebook*, às quais o utilizador se pode ligar. Embora nestas redes se possam constituir pequenos grupos há uma área comum onde não é possível garantir a privacidade dos utilizadores, o que é uma desvantagem quando os utilizadores são alunos menores de idade.

Os serviços de redes sociais permitem criar ambientes colaborativos entre pares e espaços de encontro entre os diferentes intervenientes no processo de ensino e aprendizagem. Podem também servir, nas organizações educativas, para reduzir falhas de conhecimentos e tecnológicas. Estes serviços permitem trabalhar em equipa sem que o grupo se encontre fisicamente no mesmo espaço real (Area, 2010).

O *Facebook*, é atualmente, uma ferramenta utilizada a nível mundial, estando presente tanto na sociedade como na vida empresarial, representando uma nova

forma de estabelecer relações, sendo um fenómeno de interação inclusiva (Llorens & Capdeferro, 2011, p.35).

O *Facebook* define-se a si mesmo como uma ferramenta social que liga as pessoas, tendo sido lançado em 4 de Fevereiro de 2004, por Mark Zuckerberg com o nome *The Facebook* passando em Agosto de 2005, a ter a designação de *Facebook*. Inicialmente, era restrito aos estudantes de Harvard tendo, quatro dias após o lançamento 650 utilizadores registados. Em poucos meses, estendeu-se por várias faculdades dos EUA, tendo, em Fevereiro de 2006, passado a aceitar utilizadores não universitários desde que maiores de 13 anos. Em Portugal, de acordo com a *Facestore* – plataforma que permite a empresas e particulares abrirem uma loja *online* dentro da sua página do *Facebook* e a venderem os seus produtos diretamente aos seus amigos, fãs e seguidores – estão contabilizados cerca de 4,7 milhões de utilizadores. Segundo Minhoto, P. & Meirinhos, M. (2011, p.27), entre estes utilizadores encontram-se muitos alunos do ensino secundário, que utilizam esta rede para partilhar todo o tipo de informações, fotografias, aplicações e jogos. É uma rede gratuita, facilmente acessível e com uma interface de utilização muito intuitiva. Apresenta um conjunto de funcionalidades comuns a outras redes sociais mas tem também capacidade de agregar conteúdos de outros locais na *Web*, concentrando-os numa página de *feeds* onde podem ser consultados pelo utilizador. Esta funcionalidade permite o acesso a várias informações com uma única ligação. Este método de trabalho em plataforma aberta e acessível reflete o verdadeiro espírito da *Web 2.0*, pois não só os programadores têm acesso total aos muitos milhões de utilizadores, como o *Facebook* se torna numa excelente plataforma de divulgação de aplicações de terceiros. As aplicações, ao serem integradas nas páginas, transformam uma rede generalista num espaço com potencialidades adaptadas à utilização em situações específicas como é o caso do aproveitamento em contexto pedagógico. Ao apresentar vários níveis de controlo, esta rede permite definir para quem estão disponíveis as informações garantindo, se não a total, pelo menos alguma privacidade aos intervenientes. O utilizador reúne uma rede de contactos (amigos) e páginas com os quais interage e partilha informações e vários tipos de conteúdos. Esta rede vai-se alargando à medida que, dependendo dos interesses do utilizador, novos contactos são adicionados, expandindo a rede e aumentando as suas potencialidades.

A utilização do *Facebook* como apoio ao ensino presencial, com as suas ferramentas de interação e colaboração, permite expandir a sala de aula para um contexto muito familiar aos alunos, menos rígido do que uma plataforma de aprendizagem (como o *Moodle*), mais interativo e com maiores possibilidades de participação. A familiaridade dos alunos com o ambiente do *Facebook* diminui a curva de aprendizagem das ferramentas, o que facilita a utilização e estimula a participação. Em termos globais, o *Facebook*, em contexto de aprendizagem, permite o desenvolvimento de estratégias de busca e seleção de informação, facilita a interação e a colaboração, permite a aprendizagem entre pares, desenvolve o pensamento crítico e reflexivo e estimula o contraste de opiniões e a argumentação, desenvolve ou reforça as capacidades de colaboração, favorece a autoestima e o autoconceito, entre outras potencialidades.

As pessoas desenvolvem-se e aprendem mais quando estão inseridas num processo coletivo de aprendizagem. Nessa condição, elas compartilham significados e representações comuns, comunicam e discutem os seus pontos de vista, examinam e aperfeiçoam as suas ideias e, ainda, podem estabelecer o diálogo multidimensional acerca das questões colocadas, seja revisando, modificando ou contrapondo soluções e alternativas. (Torres & Amaral, 2011, p.54)

### **2.3.1. Funcionalidades do *Facebook***

O *Facebook*, tem duas principais funções de utilização em relação ao ensino-aprendizagem, que são a criação de uma conta pessoal e a criação de uma página. A criação de uma conta pessoal permite estabelecer uma rede social com outros indivíduos detentores de uma conta, sendo que a esta relação denomina-se “amizade”, ou seja, uma relação recíproca sendo feito um pedido de amizade por uma das partes. Esta página pessoal detém algumas definições básicas de privacidade que permitem definir a visualização da mesma pelo público em geral, pelos amigos dos amigos, pelos amigos, ou só pelo próprio. Esta ferramenta de comunicação permite, através desta conta, a criação de grupos restritos, podendo participar nestes apenas os convidados do responsável do grupo, sendo que utilizadores do *Facebook* podem pedir para aderir ao mesmo, ficando dependentes da autorização do criador do grupo.

Entende-se por rede um grupo de indivíduos que de forma agrupada ou individual, se relacionam uns com os outros, com um fim específico, caracterizando-se pela existência de fluxos de informação. As redes podem ter

muitos ou poucos atores e uma ou mais categorias de relação entre os pares de atores. (Alejandro & Norman, 2005, p.2).

A criação de uma página permite a utilização de várias aplicações com potencialidades educativas. Qualquer utilizador pode aceder à página e clicar em “Gosto”, que é visível logo no início da página, reconhecida pela comunidade desta ferramenta como “mural”. O utilizador passará então a ser reconhecido como “fã” da página e receberá na sua conta pessoal as atualizações desta.

Analisando a rede social, esta pode ser descrita como uma área de investigação que estuda os padrões de relação entre pessoas, grupos, organizações e comunidades, permitindo conhecer o tipo de interações que ocorre entre uma classe de sujeitos (Alejandro & Norman, 2005, p.1).

De acordo com Patrício & Gonçalves (2010, p.595), as funcionalidades desta rede social que revelam utilidade educativa são várias, tais como:

- *Book Tag*: cria uma listagem de livros para leitura, questionários e reflexões sob a forma de comentários aos livros;
- *Books iRead*: partilha de livros, adição de tags e comentários de amigos;
- *Chat*: disponibiliza a comunicação em tempo real, ótima para um atendimento *online*, facilitando a relação professor-aluno;
- *Eventos*: permite criar eventos e aferir quem irá participar. Esses eventos, tais como seminários e *workshops*, possibilitam adicionar detalhes (descrição, imagens, vídeos e ligações), convidar pessoas, promover o evento num anúncio, editar e imprimir a lista de convidados e comentar o evento;
- *Files*: permite armazenar e recuperar documentos no *Facebook*;
- *Constituição de grupos*: possibilidade de criar grupos para a turma ou pequenos grupos de trabalho e estudo;
- *Ligações*: partilha de *websites* educativos interessantes;
- *Mensagens*: envio e receção de mensagens;
- *Notas*: adiciona pequenos textos, reflexões ou observações, que podem ser comentados;
- *Slideshare* e *SlideQ*: possibilita a partilha de *PowerPoint* e Pdf;
- *Study Groups*: permite o contacto entre todos os membros do grupo de trabalho;
- *Youtube*: permite a partilha e publicação de vídeos.

Todas estas potencialidades pedagógicas podem ser ferramentas úteis, consoante o seu objetivo. Caso se pretenda comunicar e interagir com os outros, este objetivo pode ser efetuado de várias formas, sendo possível efetuá-lo para com um ou mais indivíduos, através de uma mensagem privada ou aparecendo no *Feed* de notícias, sendo possível ao utilizador escolher para quem quer que a mensagem fique visível, ou ainda num grupo. Na criação de um grupo fechado, existe uma caixa de escrita visível apenas para os elementos do grupo e que recebe notificações de atualizações efetuadas nesse grupo. É de referir que a cada mensagem/comentário apresentado nas páginas, aparece agregado o símbolo/ícone do “Gosto”, existindo uma contabilização do número de vezes que se clica no mesmo e sabendo-se quem o efetuou e há quanto tempo. Uma outra forma de comunicar é através da opção do *chat*, sendo possível uma comunicação sincronizada com os amigos que se encontram online num determinado momento. A vantagem deste é permitir a troca de informações entre vários elementos ao mesmo tempo e também convidar outros elementos para a conversa no *chat*, o que para a aprendizagem é favorável à discussão de temas e participação ativa dos alunos.

Uma das ferramentas essenciais do *Facebook* é a partilha de ligações de páginas da Internet, fotografias, documentos, vídeos, notícias, entre outros. Desta forma, é possível levar a uma reflexão e uma aprendizagem individual, enriquecida pelos contributos dos colegas ou outros elementos pertencentes a esta rede social.

## 2.4. Socio construtivismo

Segundo Coutinho (2005, p.1), a aprendizagem é um processo ativo de construir, não apenas de adquirir, conhecimento e o objetivo do ensino é ajudar nessa construção e não apenas transmitir conhecimento, sendo esta a definição de construtivismo. Nesta perspetiva, o aluno passa a ser o centro do processo de aprendizagem e o professor, os conteúdos, os média, o ambiente são contribuintes para a construção do conhecimento.

Para Paula Dias (1999), em Coutinho (2005, p.1), esta construção do conhecimento serve para:

encorajar os educadores a criarem ambientes inovadores que ajudassem os alunos a ligar a nova informação à anterior, a procurar informação relevante e a pensar acerca do seu próprio pensamento, acentuando deste modo a necessidade de se proceder ao desenvolvimento do projeto educacional numa

perspetiva integradora do aluno, dos média e dos contextos de construção e produção da própria aprendizagem.

Numa sociedade tecnológica como a nossa, é possível, a partir de um ecrã, de um computador, ligado a uma rede, alcançar as informações que exigem determinadas capacidades cognitivas, éticas e relacionais no sentido da Educação se tornar um espaço de pesquisa e aumento do saber. Nóvoa, (1997, p.25), refere que para além da necessidade permanente de atualização, "a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal."

Segundo Vygotsky, (1978), de acordo com Simões & Gouveia (2008, p.24), os fenómenos psicológicos têm uma componente social importante, promovem as experiências sociais e estão incorporados nos artefactos culturais (incluindo os tecnológicos). A vivência social influencia a forma como as pessoas agem, e o modo como organizam as suas inter-relações.

Para Vygotsky, (1978), existem dois níveis de desenvolvimento principais. Na sua opinião, existe o nível de desenvolvimento real que se define por aquilo que um indivíduo consegue fazer sozinho, pela experiência e conhecimento adquirido, sendo capaz de desempenhar uma tarefa ou resolver determinado problema, e o nível de desenvolvimento potencial que se define pelas tarefas mais complexas que um indivíduo consegue realizar sob orientações de um outro ou outros indivíduos. A distância entre os dois níveis é designada por Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). É nesta zona que a aprendizagem vai ocorrer, devendo o professor atuar como orientador, promovendo atividades que permitam relacionar os conhecimentos prévios e os novos conhecimentos, e criando ambientes de aprendizagem que favoreçam uma atitude ativa do aluno.

Segundo Fino & Sousa, (2001, p.10), para a promoção da construção de um conhecimento é necessário a existência de metodologias que estimulem o desenvolvimento cognitivo que permitam a manipulação, com o apoio de um outro aluno ou professor detentor de conhecimentos mais elevados. Metodologias que promovam a colaboração entre alunos empenhados em realizar a mesma tarefa ou desenvolver o mesmo projeto. Metodologias que permitam a criação de artefactos que sejam externos e partilháveis com outros. Metodologias que favoreçam a negociação social do conhecimento. O *Facebook* cumpre todos estes requisitos, pois



tem várias ferramentas que permitem aos alunos interagir, comunicar e colaborar, e que, portanto, podem intervir na Zona de Desenvolvimento Proximal destes, permitindo-lhes atingir o desenvolvimento potencial com ajuda do professor ou alunos mais capazes. A rede social existe pela colaboração dos alunos, que se pode traduzir como uma interação social onde é possível os alunos participarem na construção do saber, opinando, corrigindo, investigando para editar conteúdos, ou somente consultando os conteúdos disponíveis.

Vygotsky (1978) refere que a vivência em sociedade é essencial para o desenvolvimento mental do ser humano. A rede social é um espaço social que se baseia na interação, e é na troca de ideias com outros sujeitos, em processos sociais, que cada indivíduo, ativamente, transforma os conteúdos externos em conteúdos internos.

O recurso à tecnologia em ambientes de aprendizagem concebidos na abordagem construtivista pode favorecer a aprendizagem colaborativa, principalmente se incluir um processo comunicacional interativo, dinâmico e bilateral (Torres & Amaral, 2011, p.55).

A rede social permite o confronto com as opiniões e os argumentos dos outros, a possibilidade de observar o que foi editado em qualquer altura e de acrescentar ou corrigir conteúdos, proporcionando aos alunos um momento de tomada de consciência.

## **2.5. As teorias de aprendizagem *Online***

O processo de ensino-aprendizagem, em sala de aula, exige cada vez mais dedicação por parte do professor para que o conteúdo lecionado seja transmitido de uma forma dinâmica e eficiente. A utilização de recursos didáticos diversificados no Ensino tem o intuito de dinamizar os conteúdos abordados na sala de aula, aplicando técnicas que possibilitem ao aluno aprender os conteúdos com maior facilidade. É necessário utilizar ferramentas capazes de trazer para a sala de aula estratégias dinâmicas, pois o “elemento definidor da estratégia de ensino é o seu grau de conceção intencional e orientadora de um conjunto de ações para a melhor consecução de uma determinada aprendizagem.” (Roldão, 2009, pp.55-57)

No entender de Ponte (2002, pp.1-2), o ensino é uma atividade intelectual e de gestão de recursos e pessoas que tem de ser constantemente explorada, avaliada e



reformulada e requer que os professores examinem continuamente a sua relação com os alunos. O professor deve, segundo o autor, fazer pesquisa para a sua prática profissional, pois “uma atividade reflexiva e inquirida, é geralmente realizada pelos professores de um modo intuitivo e não do modo formal próprio da investigação académica.” (Ponte, 2002, p.6) A aprendizagem pode ser desenvolvida através de um serviço de rede social, o *Facebook*, com base na cooperação e construção de um ambiente de interação entre os alunos numa perspetiva socio construtivista.

### 2.5.1. Aprendizagem colaborativa

O ambiente colaborativo de aprendizagem apresenta vantagens para os alunos ao nível pessoal e de grupo.

A atividade colaborativa pressupõe a construção de uma realidade partilhada, vinculada a uma dinâmica relacional, onde são fundamentais os processos reflexivos, de resolução de problemas e de controlo da aprendizagem. A atividade coletiva também não se pode separar da aprendizagem individual, na medida em que a auto-aprendizagem é o suporte da aprendizagem colaborativa. (Meirinhos, 2007, p.61).

Para definir colaboração é necessário distingui-la de cooperação que, segundo Henri & Lundgren-Cayrol, (2001), referidos por Meirinhos & Osório, (2006, p.5), se distinguem pelo controlo e autonomia, o objetivo a atingir, a tarefa e a interdependência. Na cooperação existe um maior controlo por parte do formador e uma menor autonomia por parte do formando. Sendo assim, na colaboração é necessário que o formando tenha mais autonomia e maior maturidade cognitiva do que na cooperação. Deste modo, a opção pela aprendizagem cooperativa ou colaborativa está relacionada com a idade e a maturidade do formando, sendo a cooperação mais apropriada para os adolescentes, que na sua maioria apresentam pouca maturidade cognitiva. Quanto ao objetivo a atingir, a cooperação baseia-se na distribuição de tarefas e responsabilidades pelos elementos do grupo para atingir o objetivo. Na colaboração, negocia-se e orienta-se a interação para atingir um objetivo comum. Na cooperação, a tarefa pode ser dividida em subtarefas, entregues a um ou vários elementos do grupo. Já a colaboração exige a interação entre os elementos, na medida em que é uma atividade coordenada e sincronizada. Também a realização da tarefa se articula mais num envolvimento pessoal, mas num ambiente de interação. A interdependência é comum à cooperação e à colaboração, mas não

possui o mesmo valor nas duas situações de aprendizagem. Ao analisar os dois conceitos, verifica-se que na cooperação a interdependência tem necessariamente de existir, uma vez que a contribuição de uns só está completa com a contribuição dos outros. Na colaboração, valoriza-se uma interdependência de carácter mais associativo, visando um maior envolvimento, a partilha de ideias e recursos, o contributo individual para as realizações e o apoio mútuo.

Segundo Meirinhos & Osório, (2006, p.6), cooperação e colaboração são dois extremos com várias situações intermédias de trabalho coletivo. Tendo em conta esta perspetiva, a colaboração foi selecionada para a utilização do *Facebook*, pois é o que mais se adequa ao trabalho desenvolvido nas redes sociais e à idade e maturidade dos intervenientes. As redes sociais transformaram-se em espaços de mediação social e cognitiva, na experiência pessoal dos cenários e produção das narrativas que expandem as representações pessoais para a dimensão coletiva da comunidade na sociedade digital. Estes espaços de mediação ocorrem sem barreiras de tempo e espaço, a partir das quais a distância se dilui nos cenários emergentes da proximidade virtual e do envolvimento colaborativo na experiência das paisagens do conhecimento. (Dias, 2013, p.5)

Fazer parte de uma rede social como o *Facebook* não significa, obrigatoriamente, participar num processo de aprendizagem; consiste sim num acesso à informação. Neste sentido, transformar a condição de acesso num processo de aprendizagem constitui uma forma mais elaborada e complexa, tendo em atenção, segundo Dias, (2013, p.5), a motivação, o enquadramento social para a participação e interação colaborativa.

### **2.5.1.1. Modelo de colaboração de Murphy**

No entender de Minhoto & Meirinhos (2001, p.26-27), Elizabeth Murphy (2004), defende que os ambientes facilitadores e que suportam a interação, tal como acontece com as redes sociais, teoricamente promovem a interação. Para promover a colaboração em ambientes *online*, é necessário compreender o conceito de colaboração que vai além da interação pois, implica um propósito de construir algo em comum.

Interagir com os outros é apenas o primeiro passo para a colaboração. A colaboração pode ser reconhecida e pensada em termos de um contínuo ao longo de seis processos, onde o tipo de interação que se estabelece se vai modificando permitindo, ao mesmo tempo, outro tipo de relações mais colaborativas. Este modelo, apresentado por Murphy (2004, pp.422-424), procura medir a colaboração grupal em ambientes *online* de comunicação assíncrona. Para atingir a colaboração a

autora propõe um modelo em seis estádios (figura 1), em que na base está a interação e no topo estão as relações colaborativas que permitem a produção de materiais em conjunto. Os seis estádios são:

1. Presença social,
2. Articulação das perspetivas individuais,
3. Acomodar ou refletir as perspetivas de outros,
4. Co-construir perspetivas partilhadas e finalidades,
5. Construir objetivos e finalidades comuns,
6. Produção materiais partilhados.

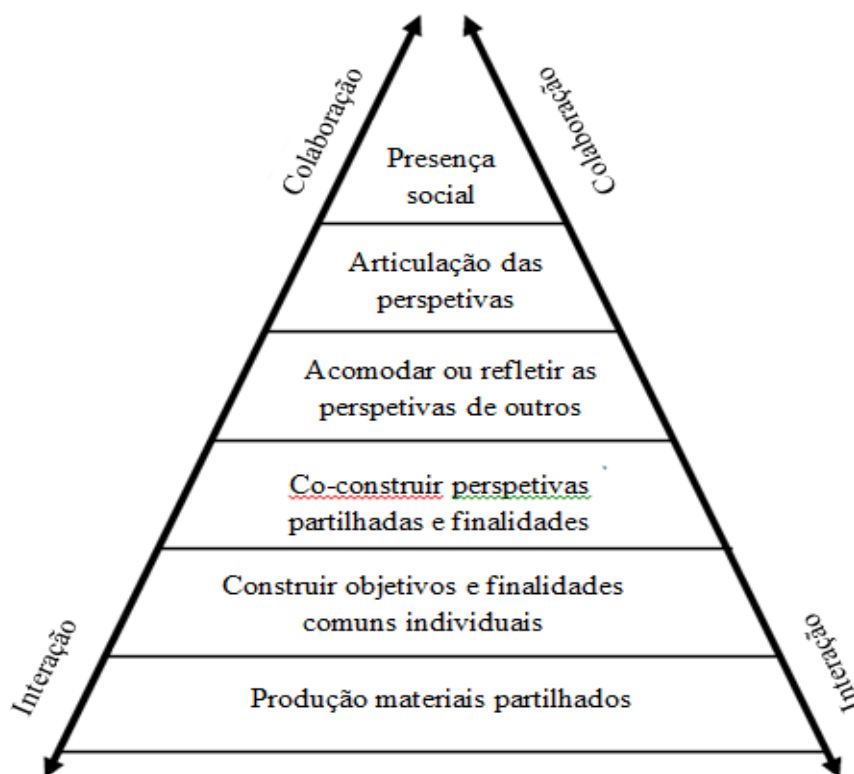


Figura 1: Modelo de colaboração de Murphy (2004) (adaptado)

O processo de colaboração inicia-se pela interação entre os envolvidos, sendo um elemento essencial para a criação de coesão grupal e que dá sentido à relação grupal, pois para o trabalho ser constante e colaborativo entre os alunos é essencial a existência de uma relação entre os mesmos. Nesta perspetiva, existem diálogos iniciais para que de seguida exista o respeito sobre as perspetivas individuais, permitindo que ao longo do trabalho colaborativo seja possível refletir sobre as perspetivas dos outros. Após estas fases, é possível então construir um conhecimento próprio, graças ao contributo dos colegas, tendo existido algum conflito e desacordo

de opiniões que levou os alunos a repensar as suas perspetivas individuais. Por fim, todo este trabalho conjunto culminará na produção de uma matéria conjunta.

## 2.6. Aprendizagem colaborativa e *Online*

As tecnologias de informação foram responsáveis por uma profunda reestruturação do modo de viver, comunicar e aprender da sociedade atual. Estas permitiram o aparecimento de novas práticas e hábitos tanto para a sociedade em geral como para os alunos.

Na Educação, a familiarização com este recurso informático permite que os alunos sejam capazes de pesquisar e produzir informações úteis para uma aprendizagem colaborativa com os seus colegas. A utilização das tecnologias de *Web 2.0* no ensino pode servir para promover a autonomia dos alunos, as suas capacidades para trabalharem de forma colaborativa e a eficácia pedagógica do processo de ensino-aprendizagem. Para que tal aconteça, é necessário adaptar as práticas educativas às potencialidades oferecidas pelas novas ferramentas, criando novas dinâmicas de interação social e de colaboração.

A incorporação desta prática profissional terá sempre que ter em conta o projeto pedagógico, os estilos de aprendizagens dos alunos, os modelos conceituais de aprendizagem inseridos no projeto pedagógico e também a qualificação do professor sobre as tecnologias de forma a conseguir desenvolver conteúdos.

É considerável a utilização do *Facebook*, apenas como apoio ao ensino presencial, permitindo não a substituição mas a expansão da sala de aula para um contexto mais próximo dos alunos, onde podem adquirir conhecimentos atuais de uma forma menos rígida e mais interativa possibilitando-lhes uma participação ativa.

Llorens & Capdeferro, (2011, p.40) referem-se ao *Facebook*, para a aprendizagem colaborativa como sendo uma ferramenta que “favorece a cultura de comunidade virtual e aprendizagem social”, fundamentando-se em valores que surgem nos utilizadores ao partilharem e debaterem um tema ou objetivo e fazendo com que detenham sentimentos de pertença. Os autores referem ainda que esta ferramenta *suporta abordagens inovadoras da aprendizagem*, graças às suas possibilidades para permitir a construção do conhecimento e desenvolver competências que permitem apoiar a aprendizagem ao longo da vida, sendo uma mais-valia para o trabalho profissional no que toca ao trabalho em equipa.

A utilização do *Facebook* motiva os alunos, visto os jovens mostrarem um grande interesse em usar esta tecnologia para partilhar informação e comunicar atualmente. Além de todas estas características esta ferramenta *permite a apresentação de conteúdos através de materiais “reais”*, ou seja é possível transmitir os conteúdos programáticos através da apresentação e estudo de casos da nossa sociedade, na qual os alunos podem pesquisar informações e partilhar com os colegas, de forma a promover a aprendizagem colaborativa recorrendo a recursos como vídeos, ligações a documentos e artigos de blogues.

## Capítulo 3 – Contexto de intervenção

### 3. Caracterização da Escola

A Escola Técnica e Profissional do Ribatejo (ETPR) é uma Instituição de Ensino Profissional Particular, cuja atividade se baseia na formação técnica e prática de quadros intermédios, com cursos predominantemente orientados para áreas de incidência nos recursos endógenos da região, promovendo os valores indispensáveis ao exercício de uma profissão, ao exercício da cidadania e à responsabilidade social.



Figura 2: Fachada da Escola Técnica e Profissional do Ribatejo

O trabalho na escola, entre docentes e discentes, visa a adaptação da prática letiva das componentes de formação sociocultural e científica às características específicas dos cursos profissionais na área do património cultural; a atualização permanente dos conteúdos da componente técnica, de forma a acompanhar a evolução do conhecimento científico e do próprio mercado de trabalho; o incentivo ao desenvolvimento de hábitos de estudo e métodos de trabalho adequados à intervenção profissional no domínio do património cultural; o desenvolvimento de estratégias pessoais de aprendizagem, nomeadamente das capacidades de pesquisa,

tratamento e produção de informação, em diferentes suportes; e a atualização profissional permanente de todos os agentes do processo educativo. A procura do Ensino Profissional na ETPR tem vindo a aumentar consideravelmente nos últimos anos. Atualmente, a ETPR abarca 28 professores e 395 alunos, sendo consequência da consolidação da respetiva oferta de Ensino que, no concelho, apenas surgiu no ano letivo de 2001/2002.

O edifício escolar é constituído por um bloco destinado às atividades letivas. Inclui uma biblioteca, espaços de convívio, central de transportes, cozinha, refeitório, auditório, salas específicas, tendo em conta os cursos, laboratórios de informática, análise química e eletrotecnia, salas de expressão artística e tecnológica e um pavilhão gimnodesportivo, que, neste momento, se encontra na fase final de construção. O espaço externo é constituído por espaços verdes, campos de jogos, nomeadamente de basquete e futebol, e uma zona de recreio. Cada curso é formado por uma turma de 10.º, 11.º e 12.º anos, perfazendo um total de quinze turmas. Além disso, atualmente, a escola tem ainda como oferta formativa um Curso de Educação e Formação, designadamente Instalação e Reparação de Computadores. Este Curso de Educação e Formação – tipo III, correspondente ao 9.ºano no ensino regular. Desta forma, é possível referir a existência de dezasseis turmas. A escola tem, assim, seis cursos em funcionamento, nomeadamente Técnico de Análise Laboratorial, Técnico de Apoio à Infância, Técnico de Comércio, Técnico de Eletrotecnia, Técnico de Gestão de Equipamentos Informáticos, e Curso de Educação e Formação de Instalação e Reparação de Computadores. Neste ano letivo de 2013/2014, a escola é cofinanciada pelo POPH – Programa Operacional Potencial Humano, o que permite aos Encarregados de Educação um desprendimento financeiro, uma vez que os alunos não pagam transportes, almoços no refeitório, nem visitas de estudo.

### **3.1.1. Princípios**

O Projeto Educativo assenta em princípios fundamentais de valores, de objetivos, de políticas e práticas educativas que ambicionam favorecer o desenvolvimento integral do aluno no sentido da sua autonomia, responsabilidade, participação, sentido crítico, competência, solidariedade, capacidade de procura de informação e criação de conhecimento.

A organização e a gestão do currículo dos cursos profissionais de nível secundário subordina-se, em geral, aos princípios orientadores definidos para a generalidade das formações do nível Secundário de Educação.

### **3.1.2. Áreas de intervenção prioritárias**

#### **3.1.2.1. Área das aprendizagens**

Inserem-se neste âmbito a adaptação da prática letiva das componentes de formação sociocultural e científica às características específicas dos cursos profissionais na área do património cultural; a atualização permanente dos conteúdos da componente técnica de forma a acompanhar a evolução do conhecimento científico e do próprio mercado de trabalho; o incentivo ao desenvolvimento de hábitos de estudo e métodos de trabalho adequados à intervenção profissional no domínio do património cultural; o desenvolvimento de estratégias pessoais de aprendizagem, nomeadamente das capacidades de pesquisa, tratamento e produção de informação, em diferentes suportes; e a atualização profissional permanente de todos os agentes do processo educativo.

#### **3.1.2.2. Área da cidadania**

A intervenção nesta área regula-se pelos seguintes objetivos:

- Promover o desenvolvimento do espírito crítico e responsabilidade cívica dos formandos, dotando-os de habilitações que lhes permitam ter uma atuação positiva como cidadãos;
- Desenvolver nos formandos a consciência da importância e carácter decisivo da sua atuação futura no domínio da preservação, valorização e divulgação do património cultural;
- Fomentar a ética e deontologia dos formandos, habilitando-os a adotarem uma atuação positiva como profissionais.



### **3.1.2.3. Área dos recursos humanos**

Para a concretização do Plano Curricular dos cursos ministrados, a escola dispõe de docentes licenciados e com habilitação para a docência nas várias áreas. Neste sentido, procura-se selecionar e adequar os recursos às características/especificidades da formação a ministrar, ao tipo de público-alvo da ação, aos objetivos e metas a alcançar nos cursos e ao perfil do técnico que se pretende formar. Na seleção dos docentes para a área tecnológica, a escola procura aqueles que tenham experiência empresarial na área que vão lecionar, cruzando a experiência prática com a vertente profissional dos cursos. Valoriza-se a experiência profissional dos docentes e o reconhecido trabalho desenvolvido nas áreas para as quais são selecionados, o professor faz parte de um modelo considerado fundamental para os alunos que entram na vida ativa. Pretende-se, ainda, que os professores tenham a maior disponibilidade possível para melhor corresponderem aos pedidos dos alunos.

### **3.1.3. Objetivos/Estratégias**

#### **3.1.3.1. Política da qualidade**

A Política da Qualidade tem em conta a busca contínua da melhoria e da excelência no ensino/aprendizagem e na formação integral do ser humano, promovendo valores indispensáveis ao exercício de uma profissão, cidadania e responsabilidade social, contribuindo para o desenvolvimento continuado da região.

#### **3.1.3.2. Objetivos**

A escola procura a excelência no Ensino e na formação do próprio ser humano, difundindo valores essenciais para a prática profissional, centrando a sua ação no aluno, contribuindo não apenas para a formação do profissional qualificado, mas também do cidadão consciente e responsável.

Neste sentido, os objetivos são:

- Proporcionar uma sólida formação geral e científica;



- Assegurar um ensino individualizado e personalizado, adaptado à diversidade e aos ritmos de aprendizagem;
- Adequar o currículo às especificidades do curso;
- Fomentar o trabalho de equipa;
- Preparar os jovens para a sua integração na vida ativa, promovendo a sua qualificação profissional;
- Favorecer a aproximação entre a escola e o mundo de trabalho, facultando aos jovens contactos com o mundo do trabalho e experiência profissional;
- Desenvolver experiências de aprendizagem num contexto real de trabalho;
- Apoiar os alunos que pretendem prosseguir os estudos;
- Promover a formação cívica e ética dos alunos;
- Envolver toda a comunidade escolar nas atividades e no funcionamento da escola;
- Promover hábitos de reflexão comum e estimular o espírito crítico e criativo;
- Organizar atividades de complemento curricular que reforcem a ligação entre a escola e o meio.

### **3.2. Caracterização da turma**

A turma do segundo ano do Curso Técnico de Comércio é composta por vinte e cinco alunos, dezanove do sexo feminino e seis do sexo masculino, e as suas idades variam entre os dezasseis e os dezanove anos. É de referir que a maioria dos alunos mostraram interesse em encontrar emprego na sua área de formação após o 12.º ano e nove alunos pretendem prosseguir estudos no ensino superior.

Sendo a avaliação do Ensino Profissional composto por três métodos avaliativos. Há uma primeira prova, teste trabalho, ou outro, segundo a estratégia do docente, em que o aluno tem de atingir nota entre 10 e 20 valores. Caso contrário, poderá ter a oportunidade de obter sucesso numa recuperação, cotada até 15 valores. Se ainda assim o aluno não conseguir obter sucesso, poderá realizar um exame com cotação até 20 valores durante uma das duas épocas especiais do ano letivo. Nesta

turma, existem 11 alunos com exames por realizar, o que indica a existência de módulos em atraso.

As disciplinas preferidas da turma são Organizar e Gerir a Empresa, Comercializar e Vender, Educação Física e Português, sendo, por sua vez, as disciplinas com mais dificuldades Matemática, Inglês e Português.

Os pais dos alunos têm profissões diversificadas, tais como operários fabris, comerciantes, mecânicos, contabilistas, domésticas, auxiliares de lar, operárias fabris, entre outras. Relativamente às habilitações literárias dos pais, a maioria situa-se entre o 4.º e o 9.º ano de escolaridade.

A sala base da turma contém um quadro interativo, um quadro de giz, cadeiras e mesas para os alunos e uma planta da sala de aula com a distribuição dos alunos, como se pode ver no quadro abaixo, sendo os seus nomes denominados por letras:

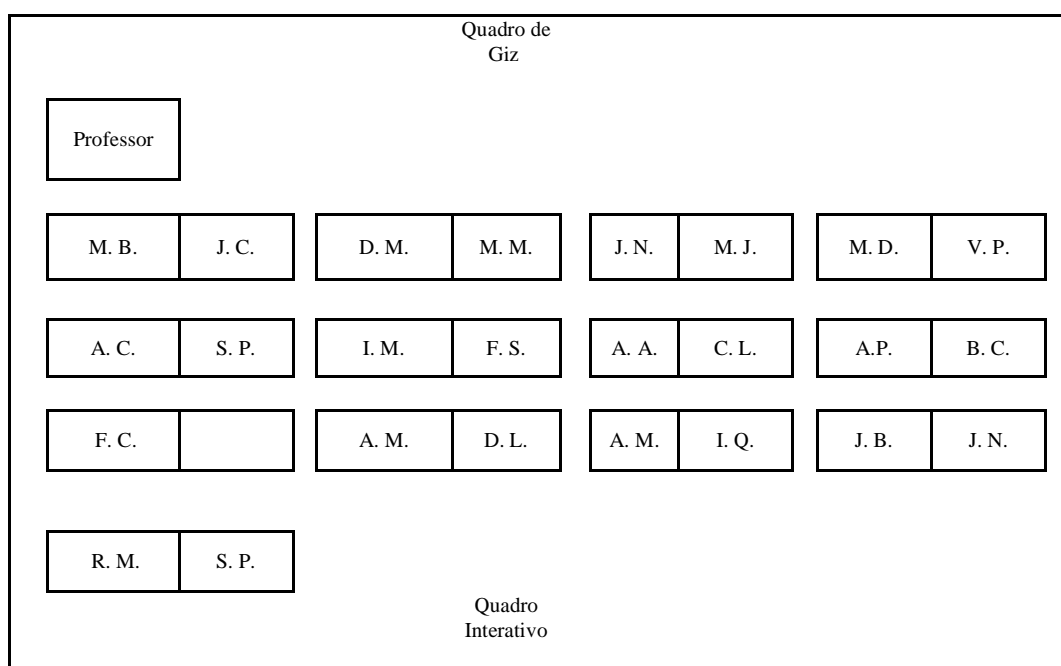


Figura 3: Planta da sala de aula da turma

Após uma abordagem com a professora cooperante, professora Rute Vicente, sobre o envolvimento e desempenho dos alunos na disciplina, foi possível concluir que a turma é bastante participativa e atenta aos conteúdos apresentados. Porém, alguns elementos da turma têm dificuldade em assimilar os conteúdos, sendo necessário recorrer a exemplos concretos e a uma explicação mais simples para que compreendam os conteúdos. Uma forma de conseguir levar a avaliação a bom termo, nestes alunos, consiste na realização de trabalhos em pequenos grupos, onde a

partilha de conhecimentos e o esclarecimento de dúvidas lhes permitirá interiorizar de forma mais rápida e acessível a matéria apresentada.

Na nossa intervenção, a promoção da aprendizagem colaborativa era essencial para que estes alunos com maiores dificuldades conseguissem apreender os conteúdos e estivessem mais motivados para a aprendizagem da disciplina.

#### **4. O Ensino de Economia**

O Ensino Secundário tem sofrido algumas alterações nos últimos anos alterações principalmente devido à sua massificação, sendo hoje considerado ensino obrigatório. Há, portanto, um impulso para o prolongamento da Educação e formação dos jovens, após o ano 2000, na sequência de deliberações políticas e da adoção de uma estratégia comum a todos os países da União Europeia. De acordo com Azevedo, (2000, p.189), o Ensino Secundário, onde na maioria das vezes se insere o ensino da Economia, apresenta uma enorme diversidade, devido sobretudo à evolução de um ensino de elites para um ensino de massas e à influência das políticas de Educação Básica e Superior.

No Ensino Secundário, em Portugal coexiste atualmente, o Ensino Geral e o Ensino Profissional. O primeiro visa a preparação do aluno para o prosseguimento de estudos académicos, enquanto o segundo visa a preparação do aluno para uma entrada a curto prazo no mercado de trabalho, podendo, no entanto, prosseguir os estudos superiores caso o pretendam. O ensino da Economia tem uma elevada importância, tendo em conta a necessidade de compreender o meio envolvente onde vivemos, que é cada vez mais distinto e instável. Neste sentido, o ensino da Economia tem como principal objetivo contribuir para a autonomia pessoal e integração social dos alunos, fomentando a compreensão por parte destes da dimensão global da realidade social; pretende também desenvolver a capacidade de resolução de problemas do quotidiano; e reconhecer a complexidade e incerteza da realidade económica; consciencializando-os para a sua observação desta.

De acordo com Rodriguez (2007, pp.61-62) existem três metodologias diferentes que se podem utilizar no ensino das ciências socioeconómicas. A primeira, centra-se essencialmente no método expositivo, onde se trabalham os conceitos através de uma técnica centrada no indivíduo. Esta metodologia é composta por

quatro fases, nomeadamente exposição da informação por parte do docente, estudo (aprendizagem), exposição e avaliação. A segunda metodologia baseia-se no conhecimento económico assente no desenvolvimento de capacidades, com o levantamento de um problema, pesquisa, análise e obtenção das respetivas conclusões. Esta metodologia subdivide-se em quatro fases, sendo elas o aparecimento do conflito cognitivo, a análise de conhecimentos prévios (em que o aluno é questionado sobre o tema a ser debatido), a apresentação dos conteúdos e síntese esquemática dos conceitos aprendidos. A terceira metodologia assenta numa perspetiva integradora e sistémica, onde se passa pelas fases da apresentação do problema, do diálogo e troca de opiniões, procura de soluções, da exposição do conceito, da generalização e aplicação, de exercícios e por fim da avaliação.

De acordo com Rodríguez (2007, p.10), atualmente, desenvolvem-se novas conceções didáticas com base no desenvolvimento de competências que se podem entender como *“capacidades complexas integradas que se materializam numa dimensão pragmática”*. Portanto, cada docente deve refletir sobre as suas metodologias para formar alunos e futuros indivíduos reflexivos, responsáveis pelos seus atos e que se sintam parte integradora da sociedade. Os professores detêm então, atualmente, um papel crucial no desenvolvimento do ensino da Economia, assumindo novos e desafiantes papéis no desenvolvimento das suas funções.

Carneiro (2001) refere que a Comissão Internacional sobre Educação no século XXI, criada sob a égide da UNESCO, deliberou incluir um capítulo autónomo dedicado à problemática dos professores, que se traduziu nas seguintes considerações:

- O próximo século não será possível sem professores.
- Todos os grandes desafios prospetivos de educação passam por professores competentes e motivados.
- As sociedades e as políticas são convocadas a repensar, com premência, o papel, as funções e o estatuto social dos professores no seu seio. (Carneiro, 2001, p.170).

Relativamente às práticas pedagógicas, estas devem basear-se no desenvolvimento da capacidade de discutir ideias, de as fundamentar corretamente e de atender às ideias dos outros. Também no desenvolvimento do espírito de tolerância, de respeito pela diferença e de cooperação, através do recurso à participação dos alunos, utilizando técnicas individuais, apresentando uma situação problema, propondo atividades ao aluno, solicitando a leitura de textos do manual ou

artigos selecionados pelo docente para a aula, análise de pré-conhecimentos, através da técnica individual (recurso à interrogação diálogo), ou da técnica individual expositiva, através do recurso a exemplos práticos e atuais para uma melhor aquisição/assimilação de conhecimentos e partilha de experiências vivenciadas pelos alunos.

O ensino da Economia no Ensino Geral ou Regular está inserido dentro do Curso de Ciências Socioeconómicas e no Ensino Técnico e Profissional está inserido, normalmente, em diversos cursos relacionados com a gestão, vendas e empresas, e em várias opções curriculares existentes no 10.º ano de escolaridade. Dado a relevância do Ensino Profissional atual na educação, o presente estudo foi efetuado numa Escola Profissional, na disciplina de Economia do Curso Técnico de Comércio.

Tendo em conta estas metodologias e visão do programa, ao lecionar as aulas relativamente ao módulo 6 – *A Interdependência das Economias Atuais*, adaptou-se a planificação a médio e curto prazo a esta. Nas aulas lecionadas, foram privilegiados os métodos expositivo e interrogativo, em que os alunos puderam partilhar as suas opiniões e ouvir as dos colegas, o que permitiu uma aprendizagem com base na técnica de grupo, através da partilha de experiências.

#### **4.1. Caracterização da disciplina lecionada**

Perante a importância do processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Economia, os professores desta disciplina não podem estar desvinculados do mundo que os rodeia, mas sim estar em sintonia com a comunidade e com o tempo em que vivemos. A disciplina de Economia é, nos dias de hoje, fundamental à formação geral do cidadão português e da União Europeia, qualquer que seja o percurso académico que este venha a seguir.

Um curso profissional é composto por uma estrutura modular repartida por três anos. Esta estrutura é composta por três componentes, nomeadamente a componente de formação sociocultural, onde estão integradas as disciplinas de Português, Inglês, Área de Integração, Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e Educação Física, a componente de formação científica, que é distinta entre os cursos profissionais, compreendendo, neste caso, as disciplinas de Matemática e Economia, e, por fim, a componente de formação técnica, que, no Curso Profissional

de Comércio, na Escola Técnica e Profissional do Ribatejo, compreende as disciplinas de Comercializar e Vender, Comunicar no Ponto de Venda, Organizar e Gerir a Empresa, e Comunicar em Francês. Para além destas componentes, é de referir que os alunos observados no presente estudo, do 2.º ano do curso (11.º ano), terão de cumprir, no próximo ano letivo, uma carga horária de 420 horas de Formação em Contexto Profissional, como prevê o Decreto-Lei n.º 74/2004, sendo que os alunos inscritos no 1.º ano (10.º ano) terão de cumprir entre 600 e 840 horas, definidas no Decreto-Lei n.º 91/2013. A disciplina de Economia integra a componente científica, com uma carga horária total de 200 horas.

O estudo da Economia permite a aquisição de instrumentos fundamentais, quer para entender a dimensão económica da realidade social, quer para decodificar a terminologia económica tão utilizada, atualmente, na linguagem corrente, em especial nos meios de comunicação social. Favorece ainda um melhor conhecimento e compreensão das sociedades contemporâneas, cada vez mais globais e em mudança acelerada, podendo assim contribuir para a formação do cidadão, educando para a cidadania, para a mudança e para o desenvolvimento. Assim, a disciplina de Economia deverá transmitir um conjunto de saberes humanísticos, científicos e técnicos, no sentido de desenvolver as competências vocacionais dos alunos, orientadas quer para uma efetiva inserção no mundo do trabalho, quer para o exercício responsável de uma cidadania ativa. Segundo o programa de Economia do Ensino Profissional, são consideradas como finalidades da disciplina:

- Proporcionar o conhecimento de conceitos básicos da ciência económica;
- Promover a compreensão dos factos de natureza económica, integrando-os no seu contexto mais amplo;
- Contribuir para a compreensão dos grandes problemas do mundo atual;
- Desenvolver o espírito crítico e a capacidade de resolver problemas;
- Contribuir para melhorar o domínio escrito e oral da língua portuguesa;
- Desenvolver técnicas de trabalho no domínio da pesquisa, do tratamento e apresentação da informação;
- Promover a utilização das tecnologias da informação e comunicação;
- Desenvolver a capacidade de trabalho individual e em grupo;
- Fomentar a interiorização de valores de tolerância, solidariedade e cooperação;

- Promover a educação para a cidadania, para a mudança e para o desenvolvimento.

O desenvolvimento da capacidade de intervenção construtiva num mundo em mudança acelerada e cada vez mais global. No entanto, as decisões a tomar são, quase sempre, nacionais e, muitas vezes, de natureza ou com implicações económicas, sendo os conteúdos programáticos da disciplina selecionados a partir das finalidades definidas, tendo em atenção o público a que se destinam e os meios e recursos disponíveis.

A disciplina alvo deste estudo é Economia do Curso Profissional de Técnico de Comércio, com a carga horária semanal de 3 horas, às terças-feiras (das 09:30 às 11:35) e às quintas-feiras (das 17:15 às 18:15). É de referir que pelo facto de permitir uma compatibilidade com o horário do professor orientador, Dr. Tomás Patrocínio, e, sendo eu professora das disciplinas técnicas da turma, foi efetuada uma troca horária durante as aulas observadas, passando a ser lecionada à sexta-feira (das 11:50 às 13:55).

#### **4.1.1. Competências a desenvolver**

A disciplina de Economia apresenta um conjunto de competências que se considera fundamental desenvolver. Segundo o programa curricular, estas são:

- Usar os conceitos económicos para compreender aspetos relevantes da organização económica das sociedades;
- Utilizar corretamente a terminologia económica;
- Aplicar conceitos económicos em novos contextos;
- Utilizar instrumentos económicos para interpretar a realidade económica portuguesa, da União;
- Europeia e mundial;
- Utilizar corretamente a Língua Portuguesa para comunicar;
- Pesquisar informação, nomeadamente, com recurso às TIC;
- Elaborar sínteses de conteúdo de documentação analisada;
- Estruturar respostas com correção formal e de conteúdo;
- Utilizar técnicas de representação da realidade como esquemas-síntese, quadros de dados e gráficos;
- Interpretar quadros e gráficos;

- Propor projetos de trabalho, realizá-los e avaliá-los;
- Apresentar comunicações orais recorrendo a suportes diversificados de apresentação da informação;
- Revelar espírito crítico e hábitos de tolerância e de cooperação;
- Apresentar e fundamentar os seus pontos de vista respeitando as ideias dos outros;
- Demonstrar criatividade e abertura à inovação;
- Realizar as tarefas de forma autónoma e responsável;
- Revelar hábitos de trabalho individual e em grupo.

#### **4.1.2. Relação do programa curricular com a metodologia utilizada**

Os conteúdos programáticos da disciplina de Economia defendem as finalidades propostas, tal como referido anteriormente. Na escolha dos temas, segundo o programa curricular, prevaleceu a relevância científica, a atualidade e importância da atividade económica na sociedade portuguesa. O desenvolvimento dos conteúdos desta disciplina ocorre à medida que os conteúdos são lecionados, sendo que o programa dá relevância para a realização de pequenos trabalhos individuais e de grupo, incidindo fundamentalmente sobre a realidade económica portuguesa e europeia, privilegiando a perspetiva profissional e empresarial, sendo esta a característica mais importante dos cursos profissionais.

Sendo a estrutura curricular dos cursos profissionais em módulos, esta disciplina foi estruturada em 8 módulos, apresentando a seguinte carga horária:

Número do Módulo	Nomenclatura do Módulo	Carga Horária
1	A Economia e o Problema Económico	18
2	Agentes Económicos e Atividades Económicas	33
3	Mercados de Bens e Serviços e de Fatores Produtivos	24
4	Moeda e Financiamento da Atividade Económica	24
5	O Estado e a Atividade Económica	24



6	A Interdependência das Economias Atuais	24
7	Crescimento, Desenvolvimento e Flutuações da Atividade Económica	27
8	A Economia Portuguesa na Atualidade	24

Quadro 2: Descrição da Carga Modular da Disciplina de Economia

O processo de aprendizagem parte da realidade conhecida pelos alunos para que compreendam em que consiste um problema económico e o significado de necessidades ilimitadas e recursos escassos (módulo 1). No módulo 2, são abordados os intervenientes na atividade económica, ou seja, agentes económicos, de acordo com as funções desempenhadas (Famílias, Estado, Empresas e restante mundo). Após serem analisados os agentes económicos, no módulo 3, abordam-se os bens e serviços produzidos que são transacionados em mercados com estruturas diferentes. Para compararem o pagamento de bens e serviços, no módulo 4, é abordada a moeda e a poupança, que têm um papel fundamental para a atividade económica. No módulo 5, que esta turma iniciara no presente ano letivo, apresenta-se o papel regulador do Estado na atividade económica. Atualmente, a economia de um país não pode ser abordada de forma isolada, pois o mercado é visto a nível mundial, sendo este o estudo efetuado no módulo 6. Além disso, a evolução da atividade económica não se realiza de uma forma constante, sendo abordado, no módulo 7, o crescimento e flutuações da mesma. O módulo 8, e último, possibilita uma análise integrada da realidade económica portuguesa atual no contexto da União Europeia, sendo necessário que o aluno compreenda os conteúdos apreendidos nos módulos anteriores, realizando um trabalho final, orientado de forma a permitir um enquadramento macroeconómico da realidade portuguesa atual.

Ao lecionar a unidade letiva seis, e aferindo os objetivos e finalidades da disciplina de Economia, no que concerne a criar jovens criativos e críticos do seu meio envolvente, foi utilizada, como metodologia, uma nova ferramenta, nomeadamente a rede social *Facebook*. Esta foi acedida diariamente pelos alunos, o que os motivou para o estudo diário da disciplina e questionamento sobre as situações reais encontradas nos meios de comunicação social, integrando-as nos conteúdos apresentados.

## **4.2. Identificação da unidade didática lecionada**

A unidade didática selecionada para lecionar foi o módulo 6 – *A Interdependência das Economias Atuais*, de Economia do Ensino Profissional, detendo uma carga horária de vinte e quatro horas, sendo composto pelos seguintes conteúdos:

- a) O comércio internacional
  - Diversidade, necessidade e vantagens das trocas internacionais.
- b) O registo das trocas internacionais – Balança de Pagamentos
  - Balança Corrente:
    - mercadorias (importações e exportações);
    - serviços;
    - rendimentos;
    - transferências correntes.
  - Balança de Capital.
  - Balança Financeira.
- c) Fatores de desenvolvimento do comércio internacional
  - Transportes e comunicações.
  - Empresas transnacionais.
  - GATT (*General Agreement on Tariffs and Trade*)/OMC (Organização Mundial do Comércio).
- d) A integração económica
  - Noção.
  - Formas (zona de comércio livre, união aduaneira, mercado comum e união económica).
  - O processo de construção da União Europeia.

## **4.3. Objetivo do estudo**

Os objetivos principais deste Relatório de Prática de Ensino Supervisionada, incidindo na turma acima identificada, consistem na motivação para o ensino da economia, no melhoramento do relacionamento entre os alunos, promovendo a aprendizagem colaborativa numa abordagem socio construtivista. Para ser possível

atingir estes objetivos, os métodos e estratégias utilizados focaram sempre o trabalho colaborativo, sendo utilizadas ferramentas eletrónicas, nomeadamente a rede social *Facebook*, cuja funcionalidade os alunos já reconhecem como meio de comunicação e interação constante.

Relativamente aos objetivos específicos, de acordo com o programa de Economia do Ensino Profissional, referentes ao módulo lecionado, estes são:

- Indicar os diversos tipos de trocas internacionais que se estabelecem entre as economias.
- Explicar as razões que levam os países a efetuar trocas internacionais.
- Referir vantagens para os países, decorrentes da integração no comércio internacional.
- Referir a importância de se efetuarem os registos das trocas internacionais.
- Indicar as componentes da Balança de Pagamentos (Balanças Corrente, de Capital e Financeira).
- Referir as balanças que compõem a Balança Corrente.
- Calcular o saldo da Balança de Mercadorias.
- Interpretar o saldo da Balança de Mercadorias.
- Calcular a taxa de cobertura.
- Interpretar o significado de indicadores do comércio externo (taxa de cobertura e estrutura das importações e das exportações).
- Referir a composição das Balanças de Serviços, de Rendimentos e de Transferências Correntes.
- Calcular o saldo da Balança Corrente.
- Interpretar o saldo da Balança Corrente.
- Indicar as componentes da Balança de Capital.
- Indicar componentes da Balança Financeira.
- Distinguir protecionismo de livre-cambismo.
- Relacionar o desenvolvimento e a desregulamentação dos transportes e das comunicações com a abertura do comércio internacional.
- Explicar o papel das empresas transnacionais no desenvolvimento do comércio internacional.

- Explicar de que forma o GATT/OMC incentivou o desenvolvimento do comércio internacional.
- Apresentar a noção de integração económica.
- Distinguir cada uma das formas de integração económica.
- Relacionar o processo de integração com a regionalização das trocas internacionais.
- Referir exemplos de formas de integração em diferentes áreas geográficas (Mercosul – Mercado Comum do Sul; ASEAN – Associação das Nações do Sudoeste Asiático; NAFTA – Acordo Norte Americano de Livre Comércio e UE – União Europeia).
- Relacionar o processo de integração com o movimento de abertura e liberalização do comércio internacional.
- Referir as principais etapas de integração europeia (da CECA – Comunidade Europeia do Carvão e do Aço ao Ato Único Europeu).
- Explicar a importância do Ato Único Europeu.
- Relacionar o Ato Único com a criação da União Económica e Monetária (UEM).
- Enunciar os principais objetivos do Tratado de Maastricht.
- Explicar a importância da criação da UEM na afirmação da União Europeia.

#### **4.4. Competências a desenvolver**

Para além das competências a desenvolver enunciadas no programa de Economia do Ensino Profissional, o módulo 6 tem como principais competências:

- Usar os conceitos económicos para compreender aspetos relevantes da organização económica das sociedades, nomeadamente no que se refere aos registos das trocas internacionais e ao processo de regionalização do comércio e da produção.
- Analisar o desenvolvimento do comércio internacional e o papel do GATT/OMC como entidade reguladora.

- Conhecer e aferir a importância dos principais blocos de integração económica existentes nas diferentes áreas geográficas, nomeadamente no que se refere ao processo de abertura e liberalização do comércio internacional.
- Analisar os desafios que se colocam atualmente à União Europeia resultantes do alargamento e do aprofundamento.

## **5. Problemática relativa à temática a lecionar**

### **5.1. Aspetos críticos da temática**

Nas últimas décadas é visível uma evolução enorme na sociedade atual em relação à tecnologia informática, um ritmo desenfreado e complexo, relevando para os docentes novos problemas e desafios para os quais necessitam de estar preparados. Hoje, cabe à escola fazer face a estes desafios, oferecendo oportunidades de formação que preparem o cidadão para a realidade da sociedade do conhecimento. O processo de ensino-aprendizagem, atualmente, é bastante complexo, visto que cada docente promove os mesmos conteúdos baseando-se nos seus intervenientes, ou seja, nos alunos, sociedade e meio envolvente escolar, fomentando mudanças na sociedade. Enquanto professores, é de refletir no nosso papel, pois somos um marco decisivo na construção de cidadãos mais ativos, informados e críticos, o que representa uma grande responsabilidade. Ponte (2004, p.2) refere:

A investigação dos profissionais sobre a sua prática pode ser importante por várias as razões. Antes de mais, ela contribui para o esclarecimento e resolução dos problemas; além disso, proporciona o desenvolvimento profissional dos respetivos atores e ajuda a melhorar as organizações em que eles se inserem; e, em certos casos, pode ainda contribuir para o desenvolvimento da cultura profissional nesse campo de prática e até para o conhecimento da sociedade em geral. (Ponte, 2002)

Como professora considero que é necessário experienciar formas de trabalho que permitam compreender os modos de pensar e as dificuldades dos alunos e que contribuam para melhorar as suas aprendizagens e relacionamentos pessoais, de forma a conseguirmos formar cidadãos adequados à sociedade. Segundo Ponte (2002, p.2), é necessário os professores refletirem sobre as suas atividades e metodologias de trabalho, reflexão, geralmente, realizada pelos professores de um

modo intuitivo e não do modo formal, próprio da investigação académica. Com uma sociedade virada cada vez mais para a utilização de tecnologia de informação e comunicação há, então, a necessidade da adaptação das ferramentas e metodologias de forma a cativar, captar e promover o desenvolvimento dos alunos nessa área, ou seja, cada professor deve atualizar-se na forma de estar da sociedade e não se restringir aos métodos mais tradicionalistas.

Esta investigação visa, essencialmente, reconhecer a importância do trabalho em conjunto através da rede social mais utilizada pelos alunos, a par com o ensino presencial, o que pode não ser fácil visto os alunos trabalharem, sobretudo, de forma individual e presencial. Atualmente, todos os alunos estão familiarizados com a utilização da Internet, tornando-se mais simples a criação de condições para produzir trabalho colaborativo sem necessidade da presença física, uma vez que a maior parte das ferramentas permitem a partilha e a criação colaborativa.

Cada aluno, quando trabalha em grupo, tenderá a articular as suas ideias com as dos colegas e organizará as suas opiniões, previsões e interpretações em função da atividade conjunta para dar a conhecer o seu pensamento. O benefício desta articulação surge quando os alunos tentam construir um entendimento mútuo e ultrapassar os obstáculos que se opõem à construção de um conhecimento partilhado, ou seja, nos desacordos entre colegas e nos seus esforços para resolvê-los (Almeida et al., 2000, p.194).

Este trabalho mútuo entre um professor e os alunos, a utilização da aprendizagem presencial individual e o virtual coletivo implica um trabalho de transformação, criação e partilha de conteúdos de forma colaborativa. A centralização do ensino no aluno adequa-se perfeitamente ao tipo de utilização de um serviço de rede social em que, à volta de um perfil pessoal, é criada uma rede de contactos que permite interações e partilha de conhecimentos e que se vai alargando à medida do interesse do utilizador. Esta rede de contactos e o conhecimento partilhado entre todos podem ser usados num contexto de aprendizagem informal ou adaptado, complementando as aprendizagens formais de qualquer disciplina do currículo.

## **5.2. Problemas e/ou Dificuldades Identificadas**

Para identificar o problema e dificuldades da turma, é necessário referir que, atualmente, sou docente da mesma às disciplinas técnicas do curso, nomeadamente a

Comunicar no Ponto de Venda e Organizar e Gerir a Empresa, sendo que, ao contrário do esperado, foi complicado identificar nestes uma problemática concreta, visto a turma ser trabalhadora esforçada, participativa e interessada em todas as temáticas.

O primeiro problema identificado, inicialmente, foi a cultura religiosa diversa de algumas alunas, relevando em algumas situações abordadas nas disciplinas técnicas, em relação ao Curso de Comércio, uma dificuldade na participação e compreensão por parte das mesmas. Como é reconhecido pela sociedade consumidora, a nível comercial, certas festividades são celebradas, como o Dia de Todos os Santos, o Natal, o Carnaval, a Páscoa, entre outras, o que, a estas alunas, era difícil de compreender. Toda esta situação promoveu na turma algum conflito pessoal e a falta de compreensão do próximo, aspetos foi necessário concertar.

Com o início deste ano letivo de 2013/2014, foi identificado um outro problema, pois sendo a Escola Técnica e Profissional do Ribatejo cofinanciada pelo Programa Operacional Potencial Humano – POPH, é obrigatório a carga horária de uma aula completar 60 minutos, estando a escola organizada em blocos de duas horas, perfazendo um total de 120 minutos. Desta forma, o horário escolar inicia-se pelas 9 horas e trinta minutos e termina pelas 18 horas e 15 minutos. A este horário de saída é necessário contabilizar ainda o tempo de deslocação dos alunos, que na turma ronda uma média de 1 hora e 30 minutos. Assim sendo, o segundo problema é o facto de os alunos considerarem não terem tempo para o estudo e trabalho contínuo em casa.

Em suma, foram encontrados dois problemas, nomeadamente a relação e compreensão dos alunos em relação a alguns colegas de turma com uma cultura religiosa diferente e a falta de horário para trabalhar em casa, a título individual. Porém, após a observação, análise da turma e abordagem com a professora cooperante, professora Rute Vicente, foi perceptível que a turma é bastante participativa. No entanto, os alunos com maiores dificuldades não participam tanto no decorrer das aulas, mas aquando da realização de trabalhos de pesquisa ou de grupo acabam por participar e compreender os conteúdos lecionados. Desta forma, foi identificado um problema de motivação para a disciplina por parte destes alunos, sendo uma das formas de colmatar este mesmo problema o facto de trabalharem de forma colaborativa com outros colegas da turma, pois fez com que conseguissem atingir os objetivos pretendidos da disciplina. Para além disso, como é abordado no

presente estudo, os jovens passam muito tempo do seu dia-a-dia nas redes sociais, não sendo exceção nesta turma. Assim, após um breve diálogo com os alunos, foi possível auferir o entusiasmo dos alunos em geral, incluindo os alunos com maiores dificuldades, ao selecionar o *Facebook* como uma nova ferramenta motivacional e educativa para lecionar a unidade didática apresentada, tendo em conta sempre o trabalho grupal presencial.

## **6. Aulas lecionadas – Plano de Trabalho**

### **6.1. Princípios pedagógicos de ação**

O professor deve, dentro das suas orientações curriculares, desenvolver um currículo aberto, através de planificações e implementação de estratégias diversificadas, de acordo com o público-alvo, que cada vez é mais diversificado, segundo o Decreto-Lei 240/2001, o professor tem a

“responsabilidade específica de garantir a todos, numa perspetiva de escola inclusiva, um conjunto de aprendizagens de natureza diversificada” e fomentar “o desenvolvimento da autonomia dos alunos e a sua plena inclusão na sociedade,” respeitando “as diferenças culturais e pessoais dos alunos demais membros da comunidade educativa.

Neste sentido, na sociedade atual, onde a diversidade e a multiculturalidade são cada vez mais aspetos que as caracterizam, não fazem sentido a continuação do privilégio dos currículos nacionalistas e etnocêntricos, onde apenas alguns se revêm e se sentem legitimados. Se queremos uma “escola para todos” temos de partir da consideração do multiculturalismo, retirando deste diversos contributos.

O professor assume verdadeiramente um papel orientador da aprendizagem, controlando essencialmente aspetos metacognitivos em que a base de conhecimento, variam de importância com a inclinação objetivista/construtivista com que for encarada a aprendizagem. O Decreto-Lei n.º 240/2001 refere que o professor

“identifica ponderadamente e respeita as diferenças culturais e pessoais dos alunos e demais membros da comunidade educativa, valorizando os diferentes saberes e culturas e combatendo o processo de exclusão e discriminação”, manifestando a “capacidade de relacional e de comunicação, bem como o equilíbrio emocional”, assumindo “a dimensão cívica e formativa das suas funções.”

Pode referir-se que o currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social; portanto, não pode ser



negligenciado nos processos de educação que pretendem contemplar as características culturais dos alunos a quem se destina. O professor “promove aprendizagens significativas no âmbito dos objetivos do projeto curricular de turma.”<sup>5</sup> O desenvolvimento curricular deve permitir ao professor uma adaptação aos alunos, às suas características, contextos sociais, económicos, entre outros. É de referir que, segundo a Unesco, é impossível a inexistência do professor no próximo século, visto ser ele o socializador dos jovens, incentivando “a construção participativa de regras de convivência democrática” e gerindo “com segurança e flexibilidade, situações problemáticas e conflitos interpessoais de natureza diversa.”<sup>6</sup> Atualmente, o professor “utiliza, em função das diferentes situações, e incorpora adequadamente nas atividades de aprendizagem linguagens diversas e suportes variados, nomeadamente as tecnologias de informação e comunicação, promovendo a aquisição de competências básicas neste ultimo domínio”<sup>7</sup>, ou seja, deve educar para uma sociedade de informação (formação inicial de jovens e atualização de adultos), recorrendo à tecnologia que vigora entre os alunos. A tecnologia é o motor atual de todo o processo de ensino, pois é mais rápida (visto ter uma fonte maior de informação), apresenta uma maior quantidade de informação, pelas condições de armazenamento e processamento, e uma maior qualidade de informação, pela combinação criativa de linguagens escrita, sonora e visual e interatividade (a decisão própria/ interesse). Desta forma é necessário repensar o modelo pedagógico. Segundo Roberto Carneiro (2001, p.174), o professor deve fomentar o Ensino uniforme de turma para um trabalho com pequenos grupos, facilitar a aprendizagem individual e itinerários próprios, apoiar alunos com aptidões diferenciadas, recorrer a técnicas de aprendizagem cooperativa, promover a investigação, estimular culturas pessoais de aprendizagem permanente, congregar comunidades educativas e apropriar a nova linguagem e tecnologias. Em suma, os professores devem liderar o processo de transformação social em vez de se submeterem aos seus efeitos e consequências, adaptando os conteúdos e, sendo possível, criar parcerias entre educadores, criativos, artistas, tecnólogos, instituições de formação, poderes públicos e empresários, visto ser da sua competência “colaborar com todos os intervenientes no processo educativo, favorecendo a criação e desenvolvimento de relações de

<sup>5</sup> Decreto-Lei 240/2001, III ponto 2 alínea a).

<sup>6</sup> Decreto-Lei 240/2001, III ponto 2 alínea f).

<sup>7</sup> Decreto-Lei 240/2001, III ponto 2 alínea e).

respeito mútuo entre docentes, alunos, encarregados de educação e pessoal não docente, bem como outras instituições da comunidade”<sup>8</sup>. Assim, valoriza “a escola enquanto polo de desenvolvimento social e cultural, cooperando com outras instituições da comunidade e participando nos seus projetos.”<sup>9</sup>

Segundo Perrenoud (2002, p.9), o novo paradigma educacional é um emblema da profissionalização, entendida como um poder dos professores sobre o trabalho e a organização, um poder abertamente assumido, com as correspondentes responsabilidades. Essa forma de profissionalização, naturalmente, não pode desenvolver-se contra as instituições, mas tal só se manifestará se um crescente número de professores se assumir como profissional reflexivo, sendo este um dos pontos enunciados no Decreto-Lei n.º 240/2001, nomeadamente o professor “reflete sobre as suas práticas apoiando-se na experiência, na investigação e em outros recursos importantes para a avaliação de seu desenvolvimento profissional”<sup>10</sup> e “reflete sobre aspetos éticos e deontológicos inerentes à profissão.”<sup>11</sup>

## 6.2. Planificação de Médio Prazo

Na planificação de médio prazo foi escolhido o módulo 6 – *A Interdependência das Economias Atuais* – que se insere no Programa da disciplina de Economia do Ensino Profissional do 11.º ano, do Curso Técnico de Comércio, com uma carga horária de 24 horas. Ao lecionar esta disciplina, o professor deve ter em atenção que cada módulo é uma preparação para a compreensão dos conteúdos do módulo seguinte. Assim, é essencial a compreensão do módulo 5 – *O Estado e a Atividade Económica* – onde os alunos ficam a conhecer a multiplicidade de funções desempenhadas pelo Estado nas sociedades contemporâneas, nomeadamente demonstrar que este intervém nas esferas social e económica, produzindo bens e serviços essenciais ou implementando políticas económicas no sentido de incentivar o investimento, bem como combater problemas como a inflação ou o desemprego, evidenciando as alterações que resultam do facto de Portugal ser membro da União Europeia. Deste modo, é possível reconhecerem que um país não é autossustentável,

<sup>8</sup> Decreto-Lei 240/2001, IV ponto 2 alínea d).

<sup>9</sup> Decreto-Lei 240/2001, IV ponto 2 alínea f).

<sup>10</sup> Decreto-Lei 240/2001, V ponto 2 alínea a).

<sup>11</sup> Decreto-Lei 240/2001, V ponto 2 alínea b).

tem necessidade de estabelecer trocas comerciais com outros países, obtendo-se daí vantagens para ambos e para o comércio mundial no seu todo, reconhecendo que o comércio internacional tem crescido constantemente, existindo formas de o quantificar e registar (mercadorias, serviços, rendimentos e capitais) em documentos próprios designados por balanças. Por outro lado, de acordo com o programa da disciplina, no desenvolvimento do módulo 6 – *A interdependência das Atividades Económicas* – pretende-se que os alunos compreendam o desenvolvimento do comércio internacional, reconhecendo que até à Segunda Guerra Mundial, o mundo pautou-se pelo protecionismo, e no período seguinte as barreiras ao comércio internacional foram derrubadas. Para compreenderem esta situação, é necessário que reconheçam a importância das inovações tecnológicas operadas nos transportes e nas comunicações eletrónicas que permitiram aproximar regiões, fazendo-se este movimento acompanhar por uma política de desregulamentação, o que reforçou a abertura dos mercados. Os alunos devem ainda compreender o papel desempenhado pelo GATT/OMC (*General Agreement on Tariffs and Trade* /Organização Mundial do Comércio) como instrumento/entidade reguladora das trocas internacionais. Assim, pretende-se que os alunos compreendam a importância do processo de integração e de afirmação da União Europeia no contexto mundial, para as trocas regionais e internacionais de bens e serviços.

O desenvolvimento curricular deve permitir ao professor uma adaptação aos alunos, às suas características, aos contextos sociais, económicos, entre outros.

Gaspar & Roldão (2007) visualizam o currículo de duas perspetivas. O currículo é um plano, uma ação planeada visando os objetivos pré-estabelecidos, uma ideia de previsão e controlo prévio. O currículo como plano associa-se ao estabelecimento de uma lista de conteúdos e disciplinas, sendo apenas meios para atingir um fim, tendo em conta que o currículo resulta de um modelo explicativo para o que deve ser ensinado e aprendido; compõe-se então de *o quê, a quem, porquê e quando* vai ser oferecido, *como e com que* é oferecido. (Gaspar & Roldão, 2007, p. 29). O currículo é visto também como projeto, tratando-se de reconstruir o currículo nacional (macro) de acordo com o contexto escolar (meso) e por sua vez adaptá-lo à situação de aula (micro). Neste sentido, o projeto curricular contextualizado busca uma maior eficácia e adequação ao público. Desta forma, o professor deve ser capaz de adaptar a planificação de acordo com as constantes mutações da sociedade, adaptando-a ao local onde está a lecionar. Devemos ter em conta que objetivo e

competência, para além de divergências, têm em comum a incorporação e aplicação de um saber que é prático, e que está contextualizado com situações de resolução de problemas, de acordo com o desenvolvimento curricular. O programa reflete o marco geral comum a que se deve adequar o ensino (por isso se diz que uma das suas características é a prescrição, o carácter normativo e obrigatório das suas previsões). O programa traduz o que, em cada momento cultural e social, é definido como o conjunto de conhecimentos, habilidades, valores e experiências comuns desejados por toda uma comunidade. Na medida em que se apresenta em termos prescritivos, podemos referir-nos a ele como um conjunto de experiências de aprendizagem porque devem passar todas as crianças de um determinado sistema escolar.

Em suma, programa traduz os mínimos comuns a toda uma sociedade, constituindo a “estrutura comum de uma cultura” e as previsões gerais relativamente às necessidades de formação e de desenvolvimento cultural e técnico dessa mesma comunidade. Assim, a planificação deve estar de acordo com o programa onde se inclui o papel que é atribuído ao professor, que, segundo o programa de Economia do Ensino Profissional, supõe um processo de ensino-aprendizagem centrado no aluno, o qual deverá atender às motivações e interesses de todos os participantes (alunos/professores). Neste sentido, será importante diversificar as estratégias a utilizar, adequando-as às diferentes necessidades e interesses específicos dos alunos, bem como às qualificações associadas às saídas profissionais de cada curso.

Por outro lado, a planificação deve ser flexível e adaptável, de forma a evitar efeitos negativos. Seguindo a perspetiva construtivista, são os alunos que devem estar no centro do processo de planificação e não os professores, ou seja, os alunos deverão ser parte ativa neste processo. A planificação, detém diversas tarefas, tais como a escolha do conteúdo curricular e competências, os objetivos gerais e comportamentais mais específicos, a metodologia e sequência das atividades a realizar para a aprendizagem, a gestão de recursos, tempo e espaço, e finalmente a avaliação das aprendizagens.

Segundo Arends (2008, p.101), a planificação é um processo multifacetado e contínuo que abrange quase todo o trabalho dos professores; não são apenas os planos de aula, mas também os ajustamentos rápidos que se fazem ao ensinar, bem como a planificação feita após uma aula lecionada, de acordo com a avaliação realizada sobre a mesma.

Na preparação da planificação para a aula, a sequência didática, através da qual se pretendeu desenvolver o processo de ensino-aprendizagem, que serviu de base à Planificação a Médio Prazo e a respetiva Matriz de Objetivos/Conteúdos em anexo (anexo A), teve como pressupostos os conhecimentos anteriores dos alunos, os conteúdos das subunidades selecionadas que permitem a construção de novos conhecimentos a partir dos conhecimentos já adquiridos, a reflexão e o desenvolvimento da autonomia (sendo que, para tal, é importante construir o conhecimento com base nos conhecimentos económicos vividos no quotidiano dos alunos, e também procurar através do trabalho escolar conhecer e compreender a realidade). Neste sentido, a planificação do processo de ensino-aprendizagem, para além da perspetiva conceptual e processual, ao nível dos conceitos essenciais e do desenvolvimento de capacidades e competências e no relacionamento entre os conceitos, incidiu na perspetiva sistémica, que integra conceitos, capacidades e atitudes. De acordo com Rodríguez (2007, p.64), esta última apresenta, no início, uma situação ou problema procurando o diálogo com os alunos, o debate de opiniões e procura de soluções, seguida da exposição dos conceitos, em termos gerais e na sua aplicação. Por fim, foram realizados exercícios de aplicação, a sua correção e respetiva avaliação.

Os objetivos e as competências gerais nos vários domínios, definidos na planificação, promoveram a responsabilização dos alunos na construção e gestão do currículo, no modelo das pedagogias construtivistas, com a criação de novas atitudes e competências, nomeadamente no desenvolvimento da autonomia, espírito crítico e criação de novo conhecimento. Nesta perspetiva, as práticas pedagógicas desenvolvidas, tendo em conta os conteúdos programáticos, visaram a transmissão de conteúdos e o desenvolvimento de competências pessoais e sociais, designadamente através da utilização de métodos participativos, com o objetivo de posicionar os alunos no centro do processo de ensino-aprendizagem e fomentar a sua motivação e gosto pela escola. Deste modo, em termos metodológicos, para além do método expositivo e interrogativo, privilegiaram-se os métodos ativos, nomeadamente a investigação individual e em grupo, no sentido de reforçar o envolvimento e interação dos alunos e a autorreflexão sobre o seu processo de aprendizagem, a partir da partilha de pontos de vista e de experiências. Para que tal fosse possível foi proposta a dinamização de atividades didáticas, utilizando as Tecnologias de Informação e Comunicação como base de pesquisa, exploração e tratamento de

informação, visualização de vídeos, debate e reflexões sobre os temas e publicação destes na página construída para a turma, na rede social *Facebook*, denominada Economia 2.º TC.

O recurso a esta tecnologia foi pensado como um recurso de enriquecimento dos conteúdos, na medida em que a turma selecionada apresentava um nível de desempenho cognitivo razoavelmente bom e participativo. Além disso, ao ser auferindo junto dos alunos, o recurso ao *Facebook*, por parte destes, é diário e isso possibilitou, através desta ferramenta de interação social, a participação ativa dos alunos na pesquisa de informação, seleção de fontes de informação fidedigna e a publicação de conteúdos sob a forma de conceitos, notícias, entrevistas, artigos de opinião, trabalhos e atividades de âmbito económico, de acordo com os conteúdos programáticos do módulo. Através da partilha de resultados, foi possível enriquecer os seus conhecimentos e produzir competências, ao desenvolverem a sua capacidade de discutir ideias e intervir de forma construtiva, sob a coordenação e a orientação do professor, tendo sido utilizada esta ferramenta, inicialmente, em sala de aula e, posteriormente, em casa dos alunos, justificando a importância de ter sido criado um espaço de interação e troca de opiniões.

Segundo Arends (2008, p.447), para apoiar cada aluno a atingir os objetivos pretendidos recorre-se constantemente a uma variedade de estratégias e práticas que proporcionam ao professor ferramentas para alcançar a eficácia. A utilização de modelos múltiplos significa que os professores selecionam diferentes abordagens, consoante os objetivos de aprendizagem. As estratégias que suportam a diferenciação da instrução incluem, entre outras, a diferenciação de currículos, a aprendizagem cooperativa e o estudo independente e contratos de aprendizagem. Desta forma, no decorrer das aulas foram utilizados diversificados métodos e técnicas pedagógicas, com vista a uma maior adaptação a diferentes ritmos e estilos de aprendizagem individuais, e à diversidade de necessidades e especificidades dos alunos, na medida em que esta diversificação de meios poderá constituir um importante fator de sucesso nas aprendizagens.

Em suma, através desta estratégia de ensino-aprendizagem centrada no aluno, recorrendo a uma aprendizagem de transmissão de conteúdos apoiada na aprendizagem ativa e na construção social, respeito e solidariedade, foi possível criar um ambiente entre os alunos baseado no socio construtivismo e o desenvolvimento

de um espírito crítico sobre a sociedade, permitindo aos alunos tornar-se futuros trabalhadores e membros de uma sociedade cada vez mais exigente.

### **6.3. Estratégias de intervenção e de avaliação das aprendizagens**

As estratégias e metodologias para trabalhar com a turma promovendo a motivação para o ensino de Economia baseiam-se em:

- Estimular a aprendizagem através da criatividade, incentivando a participação e leitura;
- Promover a sociabilização dos alunos, através da realização de trabalhos de grupo através de uma rede social;
- Fomentar a socialização entre os alunos na discussão de temas da unidade modular na rede social e em sala de aula;
- Aprender a investigar e discutir ideias;
- Contribuir para o respeito mútuo das diferenças socioculturais.

Para avaliar se foi possível atingir estas estratégias foram utilizadas algumas ferramentas inerentes ao trabalho do professor, nomeadamente:

- Grelha de observação direta;
- Realização de uma sebenta de acordo com os conteúdos a abordar;
- Ficha de trabalho, incentivando a participação;
- Guia de trabalho de investigação;
- Análise de documentos sobre os conteúdos.

É de referir ainda que, tendo recorrido a uma metodologia ativa, através do *Facebook*, para integrar a participação de todos os elementos da turma, a avaliação, além da observação direta da participação por parte dos alunos, incluiu um inquérito sobre a perceção da utilidade do *Facebook* no ensino pelos alunos, aferindo se estes consideravam este recurso útil para os módulos a serem lecionados em seguida.

### **6.4. Recursos e materiais didáticos**



Os recursos e materiais didáticos são fundamentais no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, constituindo suportes importantes facilitadores deste processo. A escola cooperante dispõe de excelentes instalações, equipamentos e recursos informáticos, sendo possível desenvolver a estratégia de ensino-aprendizagem planificada. A sala de aula dispunha de Quadro Interativo, sendo possível recorrer às tecnologias informáticas para a leção nas aulas, existindo, no entanto, a necessidade de recorrer ao meu computador portátil pelo facto de a sala não dispor de computador com acesso à Internet.

Arends (2008, p.127) refere que a disposição dos alunos e carteiras na sala de aula influencia os padrões de comunicação e relações interpessoais; sem dúvida, pois, desta forma, os alunos permaneceram sentados a par o que levou a idealizar as atividades práticas sempre em grupos de dois. Foi referido pelo professor orientador, Dr. Tomás Patrocínio, que se fosse possível, idealmente, teria colocado as carteiras em forma de U em vez da forma tradicional, promoveria as aulas utilizando tanto o quadro interativo como o quadro de giz, sem que para tal os alunos se desconcentrassem do desenvolvimento da aula. No entanto, os alunos permaneceram sentados segundo a planta da sala planificada pelo Conselho de Turma.

Os recursos e materiais didáticos específicos criados por mim para lecionar as aulas foram as apresentações em *PowerPoint* utilizadas nas aulas, guiões de vídeos, fichas de trabalho, uma ficha de orientações para o trabalho de grupo, sebenta do módulo 6 – *A Interdependência das Economias Atuais* – as grelhas de observação e o questionário sobre a utilização do *Facebook* como ferramenta de ensino.

Tendo em atenção as características da turma e as dificuldades apresentadas é necessário adequar os recursos ao currículo da disciplina, nomeadamente ter o material necessário em sala de aula para permitir ao aluno a participação posterior na página da turma na rede social, sendo que, nesta participação, deve ponderar-se a sua realização de forma a fomentar a aprendizagem de uma forma respeitadora. Desta forma, para poder recorrer à Internet e recolher informações para o trabalho de grupo e participação na página de *Facebook*, os Encarregados de Educação foram contactados através de um comunicado para o exterior sobre o recurso ao *Facebook* em sala de aula por parte dos seus Educandos, e os alunos trouxeram consigo o seu computador portátil.

Os recursos didáticos utilizados em contexto de sala de aula são apresentados em anexo (anexo C e D), sendo os seguintes:



- Apresentação em *PowerPoint* utilizada nas aulas;
- Ficha de orientações do trabalho de grupo;
- Ficha de trabalho de consolidação de conhecimentos;
- Grelha de observação das aulas;
- Guiões dos vídeos visualizados;
- Questionário sobre a utilização do *Facebook* como ferramenta pedagógica;
- Sebenta disponibilizada dedicada à unidade curricular.

## 6.5. Planificação de curto prazo

A planificação a curto prazo consiste no planeamento das aulas, neste caso na elaboração dos planos de aula para lecionar o módulo 6 – *A Interdependência das Economias Atuais*, partindo da planificação a médio prazo anteriormente realizada. Para a concretização dos objetivos propostos nas planificações a curto prazo foram utilizados vários recursos e materiais.

Com base nas questões levantadas para a elaboração do presente Relatório, em que se pretendia produzir e desenvolver competências dos alunos para a aprendizagem colaborativa, utilizando pedagogias construtivistas e recorrendo à rede social *Facebook*, com o objetivo de permitir aos alunos efetuar uma aprendizagem autónoma e alcançar a criação do seu próprio conhecimento, foi efetuada, em primeiro lugar, uma planificação das aulas a lecionar do módulo referido, após uma abordagem das mesmas com a professora cooperante.

Em aulas onde se pretende seguir uma aprendizagem colaborativa, nomeadamente onde foram efetuados trabalhos de grupo e de pesquisa, existem tarefas específicas a aplicar, existindo uma planificação das mesmas. Desta forma, a estratégia utilizada para lecionar o módulo referido foi a de iniciar com três aulas predominantemente teóricas, abrangendo a globalidade dos conteúdos e pretendendo efetuar uma abordagem geral dos temas, terminando estas com a elaboração de um atividade de forma a verificar a compreensão dos conteúdos por parte dos alunos. Nas aulas seguintes, os conteúdos lecionados nas aulas anteriores foram aprofundados e os alunos foram questionados oralmente. Uma das aulas lecionadas foi preparada para que os alunos participassem numa palestra sobre o funcionamento

da plataforma eletrónica de dados da *Pordata*, para que os alunos, nas aulas seguintes, compreendessem mais facilmente as informações e dados disponíveis na Internet, de forma a participarem ativamente na troca de informações na página criada para a turma, aumentando os seus conhecimentos e enriquecendo-se como cidadãos participativos na sociedade. Na última aula, os alunos recorreram também à página de *Facebook*, de forma a poderem partilhar as pesquisas elaboradas através desta, sendo possível o professor apoiar em tempo real os alunos. Os Planos das aulas lecionadas (cinco) encontram-se em anexo (anexo B).

### 6.5.1. Calendarização das aulas observadas

Tendo em conta as planificações a curto prazo e a avaliação das aulas lecionadas até ao início das aulas supervisionadas junto da professora cooperante Rute Vicente, foi elaborada a seguinte calendarização das aulas para o módulo apresentado:

Calendarização	Conteúdos	Sumário	Desenvolvimento das Aulas
07-02-2014 (1 bloco – 125 minutos)	Objetivos e conteúdos do Módulo	Introdução ao módulo 6 – A Interdependência das Economias Atuais.	Apresentação dos objetivos e conteúdos do módulo. Apresentação dos parâmetros de avaliação do módulo. <b>(Aula lecionada pela professora cooperante)</b>
11-02-2014 (1 bloco – 125 minutos)	<b>O comércio Internacional</b> – Diversidade, necessidade e vantagens das trocas internacionais	O Comércio Internacional.	Apresentação da definição de comércio. Estudo e comparação do comércio nacional e internacional.
14-02-2014 (1 bloco – 125 minutos)	Constituição dos grupos de trabalho. Introdução à elaboração dos trabalhos de grupo.	Introdução à elaboração dos trabalhos de grupo.	<b>(Aula lecionada pela professora cooperante)</b>
18-02-2014 (1 bloco – 125 minutos)	<b>O registo das trocas internacionais</b> – Balança de Pagamentos; – Balança Corrente: – Mercadorias (importações e exportações); – Serviços;	As Trocas Nacionais. Balança de Pagamentos: Balança Corrente, Capital e Financeira. Elaboração e correção de uma ficha de trabalho.	Apresentação dos métodos de registo das trocas comerciais internacionais, nomeadamente, a Balança Corrente. Elaboração de uma ficha de trabalho, para verificar se os alunos compreenderam os conteúdos lecionados.

	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Rendimentos;</li> <li>– Transferências correntes.</li> </ul>		
21-02-2014 (1 bloco – 125 minutos)	Continuação da elaboração dos trabalhos de grupo.	Continuação da elaboração dos trabalhos de grupo.	<b>(Aula lecionada pela professora cooperante)</b>
28-02-2014 (1 bloco – 125 minutos)	<b>O registo das trocas internacionais</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Balança Corrente: <ul style="list-style-type: none"> <li>– Serviços;</li> <li>– Rendimento;</li> <li>– Transferências correntes.</li> </ul> </li> </ul>	Balança Corrente, tendo em conta a Balança de Serviços, Rendimentos e Transferências Correntes. Elaboração e correção de uma ficha de trabalho.	Continuação da apresentação da Balança Corrente, tendo em atenção às restantes balanças por analisar da aula anterior. Elaboração de uma ficha de trabalho, para verificar se os alunos compreenderam os conteúdos lecionados.
11-03-2014 (1 bloco – 125 minutos)		Participação na Palestra sobre os dados estatísticos da plataforma eletrónica <i>Pordata</i>	Apresentação aos alunos da importância, métodos e formas de trabalhar a informação estatística da nossa sociedade portuguesa e europeia.
21-03-2014 (1 bloco – 125 minutos)	<b>O registo das trocas internacionais – Balança de Pagamentos</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Balança de Capital;</li> <li>– Balança Financeira.</li> </ul> <b>Fatores de desenvolvimento do comércio internacional</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Transportes e comunicações;</li> <li>– Empresas transnacionais;</li> <li>– GATT/OMC.</li> </ul> <b>A integração económica</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Noção;</li> <li>– Formas (zona de comércio livre, união aduaneira, mercado comum e união económica);</li> <li>– O processo de construção da União Europeia.</li> </ul>	Balança de Capital e Financeira. Elaboração e correção de uma ficha de trabalho. Introdução à elaboração de um trabalho de grupo Desenvolvimento do Comércio Internacional. A integração Económica.	Apresentação dos conteúdos programáticos. Elaboração de uma ficha de trabalho, para verificar se os alunos compreenderam os conteúdos lecionados. Desenvolvimento do trabalho de grupo proposto na aula anterior.
25-03-2014 (1 bloco – 125 minutos)	Continuação da elaboração dos trabalhos de grupo.	Continuação da elaboração dos trabalhos de grupo.	<b>(Aula lecionada pela professora cooperante)</b>

28-03-2014 (1 bloco – 125 minutos)	<b>Revisão dos conteúdos programáticos</b>	Elaboração e partilha de pesquisas dos alunos de forma colaborativa.	Elaboração e partilha de pesquisas dos alunos na página de <i>Facebook</i> da turma. (Aula lecionada pela professora cooperante)
01-04-2014 (1 bloco – 125 minutos)	<b>Avaliação dos conteúdos</b>	Prova de Avaliação de Conhecimentos.	Elaboração da Prova de Avaliação de Conhecimentos. (Aula lecionada pela professora cooperante)
04-04-2014 (1 bloco – 125 minutos)	<b>Autoavaliação</b>	Entrega e correção da Prova de Avaliação de Conhecimentos. Autoavaliação do Módulo 6.	Entrega e elaboração da correção da Prova de Avaliação de Conhecimentos. Autoavaliação do Módulo 6. Resposta ao inquérito sobre a utilização do <i>Facebook</i> , como instrumento pedagógico. (Aula lecionada pela professora cooperante)

Quadro 3: Calendarização das aulas lecionadas

Na primeira aula, comecei por efetuar uma avaliação diagnóstica oral através de um diálogo em forma de perguntas e respostas sobre o Comércio, de forma a aferir os conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema. Verifiquei que os alunos tinham uma noção muito superficial sobre o tema, o que levou ao surgimento de muitas questões por parte dos alunos ao longo da aula.

A aula iniciou-se com o registo do sumário e explicação muito breve sobre o que iríamos estudar. Após o sumário, introduzi a matéria com recurso ao método expositivo através de uma apresentação em *PowerPoint*, com a apresentação do conceito de Comércio Interno, Externo e Internacional, a Divisão Internacional do Trabalho (DIT) e a Balança de Pagamentos.

Ao longo da aula, os alunos foram sendo questionados de forma a aferir se os mesmos tinham alguma questão por esclarecer. Os alunos com maiores dificuldades (anteriormente enumerados pela professora cooperante e tendo em atenção as aulas das disciplinas técnicas lecionadas por mim) não participaram nas questões levantadas da mesma forma que os alunos com menores dificuldades.

No final da aula, verifiquei que na aula seguinte deveria elaborar uma planificação mais atrativa para colocar todos os alunos a atingirem os objetivos pretendidos no programa da disciplina, sendo que, ao longo da aula, observei que os alunos menos participativos estavam preocupados em transcrever a informação apresentada no *PowerPoint*, o que poderia vir a ser um obstáculo para a concentração

dos mesmos. Desta forma, elaborei uma sebenta (anexo C) para que os alunos pudessem concentrar-se na aula acompanhando a apresentação da aula pela sebenta, sendo que a apresentação em *PowerPoint*, continha a informação das páginas da sebenta para poderem acompanhar a aula e retirar notas importantes. A sebenta foi disponibilizada ainda na página de *Facebook*. Assim, planifiquei as aulas seguintes sempre com uma revisão da matéria lecionada anteriormente, uma síntese no final das aulas e o recurso a casos reais da sociedade, para que todos reconhecessem a importância dos conteúdos lecionados no seu quotidiano.

Outra conclusão a que cheguei nas aulas observadas e nesta aula supervisionada foi que a turma poderia apoiar-se e construir individualmente o seu currículo através da partilha de conhecimentos dos alunos, pois todas as aulas aquando da elaboração de uma ficha de trabalho os alunos apoiavam-se mutuamente, permitindo a colaboração no processo de ensino-aprendizagem.

A segunda aula foi iniciada apresentando o sumário e explicando muito brevemente o que iríamos estudar. Após o sumário, introduzi uma síntese da aula anterior, efetuada com o recurso a uma apresentação em *PowerPoint* e com a colocação de questões aos alunos, baseadas nos objetivos de aprendizagem definidos, de forma a verificar se estes tinham sido atingidos, no sentido de realizar simultaneamente uma avaliação formativa e reguladora. Para apoiar esta revisão da matéria lecionada, recorri à visualização de um vídeo sobre a balança comercial da castanha em Portugal, sendo analisada em conjunto com os alunos, tendo em atenção a matéria lecionada anteriormente. Os alunos foram questionados sobre o que representava esta balança em Portugal, de forma a aferir se tinham compreendido os conteúdos lecionados. Após a troca de ideias entre alunos e professor, foi-se aprofundando o conhecimento do conceito de acordo com o pretendido pelo programa de Economia. Esta participação dos alunos ao longo das aulas era registada no final da aula para a avaliação individual do aluno. A aula continuou com exposição teórica, visando o reconhecimento dos alunos das diferentes balanças existentes dentro da balança de pagamentos, nomeadamente a Balança de Serviços e Divisas e Taxa de Câmbio. Para integrar já a pesquisa na Internet e a ligação dos conteúdos à realidade dos alunos, foram apresentados vários vídeos durante as aulas, sendo que nesta primeira aula foi apresentado um vídeo do canal televisivo *Euronews* sobre a desvalorização do euro, visando a interiorização da matéria lecionada. Assim, foi possível relacionar a situação atual porque passamos em

relação à moeda europeia, sendo a análise feita em conjunto com os alunos e a professora. A aula continuou com exposição teórica, visando a diferenciação das balanças existentes dentro da balança de pagamentos, nomeadamente a Balança de Rendimentos e Transferências Correntes. Para uma maior compreensão da temática analisou-se uma gravação do programa televisivo “Conselho Consultivo”, onde foi debatida a influência da greve dos estivadores na nossa balança de serviços e na balança de pagamentos, através do preenchimento de um guião de visualização, visando a interiorização e uma maior compreensão sobre a realidade nacional e a importância da compreensão dos conteúdos lecionados. A avaliação deste guião foi realizada através da prestação oral dos alunos, fomentando assim a possibilidade destes participarem, sob a orientação da professora. No final da exposição da matéria, para confirmar a interiorização dos conteúdos programáticos, é apresentada uma síntese da matéria exposta, recorrendo a um jogo didático. Para finalizar a aula e verificar se os alunos tinham compreendido os conteúdos, e para que o professor verificasse se atingiu os objetivos pretendidos, os alunos resolveram uma ficha de trabalho, tendo sido corrigida no final da aula.

A terceira aula foi iniciada apresentando o sumário e explicando muito brevemente o que iriam observar na Palestra dinamizada pela *Pordata*. Após a breve explicação, os alunos e as docentes deslocaram-se para o auditório escolar para assistirem à palestra. Sendo os alunos da área profissional e estando o curso voltado para uma realidade social, urge a necessidade de fornecer ferramentas essenciais para a elaboração de projetos educativos e até para que os mesmos estejam dentro dos assuntos abordado na sociedade portuguesa. Para além disso, estando os alunos a elaborar um trabalho de grupo para a disciplina e eu pretendia que os mesmos partilhassem dados recolhidos da Internet na página de *Facebook* da turma, existia um interesse revelado pelos alunos em relação à palestra. Com efeito, os alunos estavam motivados e participativos, evidenciando ter alguma consciência e sensibilidade em relação aos dados apresentados pelo coordenador da sessão. Desta forma, esta atividade foi muito importante para o desenvolvimento dos alunos como seres humanos e cidadãos.

A quarta aula iniciou-se com o registo do sumário nos cadernos diários dos alunos, sendo brevemente explicado o desenvolvimento da aula. Posteriormente, recorrendo ao método expositivo e interrogativo, a continuou com a revisão da matéria lecionada na aula anterior. Coloquei também algumas perguntas de modo a

que os alunos inferissem algumas respostas antes de eu as apresentar. Após verificar que os alunos tinham compreendido os conteúdos lecionados através do *PowerPoint*, a exposição teórica continuou sobre o conceito de Balança de Capital e Financeira, sendo sempre colocadas questões para averiguar os conhecimentos dos alunos. Estes participaram bastante na aula e colocaram várias questões de forma ativa e pertinente, às quais fui respondendo e verificando se eles estavam a compreender todos os conceitos. Para aferir exatamente se os alunos tinham compreendido os conteúdos, estes elaboraram, colaborativamente com o colega de mesa, uma ficha de trabalho que foi corrigida posteriormente. A aula prosseguiu com a exposição dos conteúdos sobre os fatores de desenvolvimento do comércio internacional, e a integração económica. Ao longo da projeção, foram efetuadas questões aos alunos para averiguar se tinham acompanhado a matéria lecionada, de forma a ser possível registar a participação dos alunos em sala de aula. De forma a integrar estes conteúdos no dia-a-dia dos alunos, estes visualizaram um vídeo sobre a Criação da Comunidade Económica Europeia e preencheram um guião de acompanhamento do mesmo. A exposição da matéria continuou através do recurso ao *PowerPoint* com a exposição teórica do processo de construção da Europa. No final da aula, efetuei uma síntese através de um jogo temático onde eram realizadas perguntas aos alunos, de forma a confirmar a realização das aprendizagens e foi iniciada uma pesquisa, na sala de aula, tendo os alunos sido previamente avisados para trazerem consigo o seu computador portátil, de forma a facilitar a pesquisa, tendo em conta um guião para a elaboração da mesma (anexo C) de forma a promover junto destes a aprendizagem colaborativa. No início, os alunos necessitaram de ajuda, demonstrando alguma dificuldade em iniciar o trabalho, pelo que sugeri alguns sites fidedignos para que a pesquisa por parte destes fosse inicialmente mais fácil. Além disso, na aula anterior acordei com os alunos o envio de um email com um anexo documental para apoiar a pesquisa<sup>12</sup> para depois, então, poderem pesquisar e alargar conhecimentos com a ajuda da Internet, reforçando a necessidade de verificar a informação recolhida em mais do que uma fonte e confirmar a sua credibilidade. Ao longo desta aula fui acompanhando os grupos, orientando os trabalhos, esclarecendo as dúvidas e fazendo sugestões aos alunos, nomeadamente salientando a importância do tratamento e resumo da informação recolhida, acautelando o plágio, procurando assim atuar como

---

<sup>12</sup> Fontaine, Pascal, *A Europa em 12 Lições*, disponível em <http://dupond.ci.uc.pt/CDEUC/Arquivo/01/647-07.pdf>



professora e pretendendo contribuir para o desenvolvimento das suas competências. No final, propus a continuação da realização e conclusão dos trabalhos na aula seguinte, lecionada pela professora cooperante, tendo acordado previamente com a mesma esse procedimento. Estes trabalhos de grupo promoveram tanto a aprendizagem colaborativa, como a perceção das vantagens de incorporar esta metodologia de trabalho na exposição teórica, o que promove nos alunos um maior interesse e motivação para a disciplina.

A quinta aula lecionada consistiu na participação dos alunos de forma individual na página de *Facebook* criada para a turma, onde estes publicaram várias pesquisas elaboradas por si, tendo sido importante o trabalho de grupo anterior, pois os alunos sentiam-se mais seguros nas pesquisas efetuadas. Após as publicações, os colegas foram adicionando comentários e questões que ficaram visíveis na página para toda a turma.

Este trabalho e recurso ao *Facebook* foi informado aos Encarregados de Educação através de um comunicado para o exterior (anexo C), contendo a aprovação dos mesmos. Para que não existisse qualquer dúvida inicial, os alunos trouxeram para a aula os seus computadores portáteis e pesquisaram juntos com a docente, para que não existisse qualquer questão e fosse possível promover a motivação destes para a partilha de conhecimentos e opiniões. A turma foi bastante participativa, e levantou bastantes questões nas pesquisas. Os alunos salientaram que a utilização desta ferramenta era útil para a aprendizagem, visto poderem consultar e observar as publicações fora do horário escolar, podendo ainda participar ativamente na página da turma. Os alunos referiram ainda, que, desta forma, a opinião destes está a ser valorizada, acabando por enriquecerem os seus conhecimentos com esta partilha.

Ao longo de todas as aulas lecionadas, fui preenchendo uma grelha de observação de aula relativamente à participação, trabalho desenvolvido, fichas realizadas, análise dos vídeos, tendo no final das respetivas aulas terminado o seu preenchimento. Desta forma, pretendi implementar em todas as aulas um respeito e espírito democrático na sala de aula, procurando desenvolver metodologias para atingir os objetivos pretendidos no programa e conseguir que todos os alunos atingissem a excelência, num permanente processo sistémico de autoavaliação. Em todas as aulas, a diferenciação pedagógica foi realizada através da elaboração de uma ficha de trabalho, nomeadamente, pela maior ou menor dificuldade em realizar os



exercícios, e através de questões levantadas oralmente, na interação frequente estabelecida com os alunos através da formulação de perguntas de forma mais simples aos alunos com maiores dificuldades, e de perguntas ao nível da reflexão e análise aos alunos com maiores capacidades. Apenas na terceira aula, a diferenciação pautou-se pela prestação dos alunos durante a palestra, as questões levantadas tanto ao coordenar da palestra, como depois em sala de aula com a docente. No entanto, foi possível realizar esta diferenciação de forma mais efetiva na quinta aula, em que os alunos trabalharam de forma mais ativa e autónoma, procurando eu alcançar uma diferenciação pedagógica positiva no apoio individualizado aos alunos com maiores dificuldades na seleção, interpretação e publicação de informações recolhidas e colocadas na página de *Facebook*. Todo este processo final fora facilitado anteriormente, através da aprendizagem colaborativa na realização do trabalho de grupo.

Considero que esta nova ferramenta, o *Facebook*, pode ser utilizada na comunicação entre professores e alunos extra-aula, que, sem descuidar a importância das aulas presenciais, constituirão um verdadeiro sistema de *b-learning*. Este pode ser um apoio importante para os alunos na sua aprendizagem e um fator de motivação na realização dos trabalhos, assim como pode ainda ajudar na criação de uma melhor relação de proximidade entre professor e os seus alunos.

Em geral, as planificações a curto prazo foram cumpridas, tendo sido um suporte importante para o desenvolvimento adequado das aulas lecionadas.

## 7. Avaliação da intervenção

Com a evolução da sociedade, novas exigências vão emergindo, colocando renovados desafios à escola. De acordo com o Decreto-Lei n.º 6/2001, o currículo nacional é entendido como “*o conjunto de aprendizagens e competências a desenvolver pelos alunos ao longo do ensino básico, de acordo com os objetivos consagrados na Lei de Bases do Sistema Educativo (...).*” Ao referir competências na capacidade para produzir desempenhos adequados a situações não rotineiras, a avaliação das competências é algo que levanta muitas questões. A avaliação é uma parte integrante do processo da aprendizagem, como um meio que permite ao professor e ao aluno recolher e interpretar informação de forma a introduzir medidas

que favoreçam essa mesma aprendizagem. Tal abordagem de avaliação é aquela a que atualmente mais atenção é dada nos diversos documentos curriculares. O processo de conquista do conhecimento pelo aluno ainda não está refletido na avaliação, embora historicamente a questão tenha evoluído muito. A prática mais comum na maioria das instituições de ensino ainda é um registo em forma de nota, procedimento que não tem as condições necessárias para revelar o processo de aprendizagem, tratando-se apenas de uma contabilização dos resultados.

O behaviorismo influenciou o Ensino e a avaliação nas últimas décadas, ao pretender avaliar aquilo que desejava como resposta. Porém, a partir dos anos de 1980, começaram a emergir novas concepções inspiradas no cognitivismo que não avalia apenas uma resposta, mas sim o tipo de resposta, ou seja, considera-se uma variedade de respostas/attitudes, o modo como o aluno interpreta a questão, e no social-construtivismo, sendo de referir que atualmente não devemos valorizar em demasia uma destas concepções mas sim articulá-las, promovendo a aprendizagem dos alunos sem deixar de parte questões externas à sala de aula.

Segundo Pinto & Santos (2006, p.7), a avaliação deve ter em conta os seus atores e os contextos onde se encontram contribuindo para uma relação pedagógica positiva, em termos de ensino-aprendizagem para alunos e professores. Segundo estes autores, a avaliação pode ser percecionada pelo contexto pedagógico, como uma medida, privilegiando-se o eixo professor/saber, isto é, a preocupação dominante é a transmissão do saber da forma mais adequada possível, significando aprender a capacidade de conseguir reproduzir o que foi ensinado. Segundo estes autores, esta relação do professor com o aluno determina a existência de uma avaliação reguladora. A partir dos anos de 1970, começou-se a avaliar as atitudes e valores dos alunos numa perspetiva interpretativa, onde o professor interpreta a realidade em função do meio cultural e numa perspetiva social e crítica, através do diálogo e da negociação com os atores sociais, ou seja, professores e pais, que se revelam os factos mais importantes da inovação.

Em suma, *“a avaliação é entendida como um processo de construção social, político, que envolve uma colaboração entre vários parceiros, que toma a realidade como socialmente construída e dinâmica, que admite que lida com resultados imprevisíveis e em que a sua ação vai também gerando a própria realidade”* (Pinto, J. & Santos, L., 2006, p.34). Desta forma, pode referir-se que o modelo pedagógico baseado no aprender fomenta a relação do aluno com o saber, sendo este o construtor

do seu conhecimento. Encarar o aluno como protagonista da sua avaliação, determina que a autoavaliação apareça de forma privilegiada, pois está centrada no aluno, criando a reflexão sobre o seu percurso, tendo sempre a orientação do professor, visando o seu desenvolvimento. A avaliação não é um processo que acontece no fim de um período, mas sim integrado no ato pedagógico, continuando a desempenhar uma função de classificação, seleção e certificação que a própria estrutura do sistema educativo impõe; contudo, surge uma nova função reguladora, que se sobrepõe às anteriores. A avaliação possui igualmente a função informativa, mas que coloca ênfase no tipo de informação e nos seus objetivos.

Segundo Luckesi (2002), a forma como se avalia, é decisiva para a concretização do projeto educacional. Esta indica aos alunos o que o professor e a escola valorizam. Assim, cria-se uma nova cultura avaliativa, implicando a participação de todos os envolvidos no processo educativo. A avaliação não deve apenas refletir os resultados, mas sim todo o processo de aprendizagem. A autoavaliação surge como um novo instrumento, associada à eficácia, eficiência e qualidade no processo de ensino, dando a oportunidade aos alunos de participarem na sua avaliação final, podendo refletir sobre as suas práticas educacionais.

Para o presente Relatório, a avaliação do processo de aprendizagem foi realizada de forma sistemática ao longo das aulas, resultando de uma permanente interação entre os alunos e a docente, pretendendo promover o respeito e uma avaliação democrática, estimulando a sua progressão na aprendizagem. Desta forma, a avaliação constituiu um elemento de reflexão contínua da prática pedagógica individual da docente, sendo um elemento facilitador da seleção das metodologias utilizadas nas aulas. Os alunos elaboraram um trabalho de investigação em grupo, discutido com os restantes colegas de turma, visto todos estarem a trabalhar a mesma temática. Assim, foi possível construir o seu próprio conhecimento na perspetiva do socio construtivismo, ou seja, através da aprendizagem colaborativa, na troca de conhecimentos e perspetivas em relação aos conteúdos, promovendo o desenvolvimento dos mesmos como cidadãos dotados de uma maior responsabilização e respeito pelos colegas. A avaliação deste trabalho foi registada na folha de observação, dando relevância à participação e pertinência das questões referidas pelos estudantes. Foi também realizada uma avaliação diagnóstica, através de questões orais, aferindo os conhecimentos sobre os conteúdos programáticos do módulo, avaliando assim os alunos com maiores dificuldades. Para avaliar a

participação e opinião dos alunos no recurso à rede social *Facebook* como uma nova ferramenta pedagógica para o ensino, foi realizado um questionário aos alunos, apresentado em anexo (anexo D).

É de referir que, no início, antes de começar a lecionar as aulas supervisionadas, durante uma das aulas lecionadas por mim a uma das disciplinas técnicas, e após informar a professora cooperante, apliquei um questionário sobre a opinião dos alunos acerca da utilização das redes sociais. Foi possível concluir que a maioria dos alunos acede diariamente à Internet para conversar com outros, efetuar pesquisas de trabalhos e jogar. A maioria dos alunos acede todos os dias à rede social *Facebook*, sendo que numa das questões os alunos teriam de dar a sua opinião sobre esta rede social, tendo sido referido que serve para passar o tempo e interagir com os amigos. Ao questionar se seria possível a utilização desta rede social no âmbito escolar, a totalidade dos alunos respondeu que sim, sendo que a maioria referiu ser possível interagir com colegas e aprender.

Após a utilização da página da turma para a aprendizagem colaborativa, os alunos responderam a um outro questionário, sendo possível concluir que para a totalidade da turma foi muito gratificante a utilização da página como meio de aprendizagem. Os alunos reconheceram que a página tem grande potencialidade para comunicar entre alunos, sendo uma plataforma onde sentem um maior à vontade por reconhecerem anteriormente as suas funcionalidades. O programa da disciplina prevê o desenvolvimento de competências de reflexão e opinião crítica da realidade social; pelas respostas dos alunos, este é um espaço adequado para que estas competências se possam desenvolver através da discussão entre os participantes da página e a igualdade de oportunidade de expressão. Para além desta competência, o programa prevê ainda que os alunos sejam mais autónomos nas pesquisas efetuadas, tendo os alunos referido que esta metodologia de trabalho os obrigou a um maior envolvimento e responsabilidade nas pesquisas efetuadas. Também mencionaram ser possível uma partilha de ideias, conhecimentos, enriquecendo os seus conhecimentos acerca da disciplina, e estando mais interessados na mesma.

A página de *Facebook*, dedicada à turma e à disciplina, permitiu a partilha de informações e interações, ao serem redigidas mensagens e comentários em relação a vários assuntos publicados pelos alunos, tornando-se um meio socializador e fomentador da aprendizagem. Este contexto, independentemente de se ter realizado dentro da sala de aula, acabou por se tornar menos formal, o que promoveu uma

dinâmica distinta entre os alunos, ou seja, todos os alunos participaram de forma igual, o que não acontecera no decorrer das aulas expositivas. Este envolvimento teve resultados na aquisição de conhecimentos relativamente aos conteúdos da disciplina, que se refletiram no desempenho dos alunos em relação ao trabalho de grupo desenvolvido com a docente da disciplina, relativamente à melhoria dos dados pesquisados e nas conclusões dos mesmos, o que fez com que tivessem melhores resultados no final da avaliação modular. Os próprios alunos reconheceram um maior envolvimento com a disciplina, sendo que dão agora maior valor à partilha entre colegas.

## **8. Reflexão sobre as aulas**

As aulas lecionadas no segundo semestre ocorreram na sequência de aulas lecionadas no primeiro semestre à mesma turma, sobre o módulo 5 – *O Estado e a Atividade Económica*, cuja informação está incluída no Diário de Campo (anexo E). O presente Relatório e respetivas conclusões centram-se essencialmente no trabalho desenvolvido no módulo 6 – *A Interdependência das Economias Atuais*.

Inicialmente, antes de lecionar as aulas, como professora das disciplinas técnicas, Comunicar no Ponto de Venda e Organizar e Gerir a Empresa, informei os alunos que iria lecionar algumas das aulas do módulo seis, e qual o objetivo da leção das aulas.

As aulas lecionadas decorreram, na generalidade, de acordo com o que eu tinha planeado e planificado. Os alunos demonstraram-se bastante participativos e colocaram as suas dúvidas em todas as aulas, sendo que se destacavam sempre os alunos com menores dificuldades. Então, a partir da segunda aula, dei mais atenção aos alunos com maiores dificuldades de forma a participarem mais ativamente na aula na procura de diferenciação pedagógica. Na generalidade, mostraram-se atentos e motivados, e cumpriram todas as atividades e tarefas solicitadas com empenho. O ambiente entre alunos e professora foi sempre descontraído, promotor de uma interação ativa e democrática, sendo que a totalidade dos alunos demonstraram respeito pelas regras comportamentais de sala de aula ao longo das aulas.

Em todas as aulas todos os alunos foram tratados por mim pelo seu nome próprio e segundo a professora cooperante, Rute Vicente, e o professor orientador,

Dr. Tomás Patrocínio, manteve sempre uma boa relação e grande empatia com os alunos, o que impulsionou motivação e bom comportamento constante.

Na avaliação inicial sobre os conteúdos a serem lecionados, verifiquei que os alunos tinham os conceitos sobre o tema mas de forma generalizada. A avaliação diagnóstica é essencial para conhecer e verificar o nível de conhecimentos dos alunos sobre os conteúdos antes de os iniciar para adaptar as planificações e metodologias pedagógicas, de forma a atingir os objetivos do programa curricular. De acordo com o Decreto-Lei 240/2001, III ponto 2 alínea a), o professor, “promove aprendizagens significativas no âmbito dos objetivos do projeto curricular de turma.”

Arends (2008, p.19) refere que, o professor eficaz tem “*uma disposição pessoal para a reflexão e a resolução de problemas.*” Considera “*a aprendizagem do ensino um processo ao longo da vida, conseguindo diagnosticar situações e adaptar e utilizar o seu conhecimento profissional de forma apropriada, para favorecer a aprendizagem dos alunos e melhorar as escolas.*” Assim, cabe ao professor adaptar toda uma metodologia de trabalho perante os alunos, e o seu meio envolvente.

Uma das técnicas que utilizei com frequência, para além do método expositivo, conjugado com o interrogativo, na exposição dos conceitos, foi a utilização de exemplos, sempre que possível associados a situações presentes na realidade dos alunos. É importante que tanto os exemplos como as questões a colocar na aula sejam bem definidos e planificados para uma aprendizagem mais efetiva. O método interrogativo, nomeadamente a colocação de questões ao longo da exposição dos conceitos, pretende que os alunos reflitam e encontrem por eles algumas respostas, permitindo, ainda, tornar as aulas mais ativas, dinâmicas e motivadoras. Para além destes métodos, foram utilizados diversificados métodos mais ativos, intercalando-os durante o momento de exposição, tais como a visualização de vídeos e análise de um caso real da sociedade portuguesa que são estratégias eficazes por permitirem aos alunos ver a aplicação dos conceitos em situações reais, permitindo a existência de aulas mais dinâmicas e transições ajustadas entre os conteúdos apresentados. Esta técnica possibilita aos alunos contactarem com a complexidade da realidade económica atual, consciencializando-se para a necessidade de enquadrá-la nos conteúdos aprendidos, verificando a sua utilidade para uma análise da sociedade no futuro.

Relativamente à investigação e trabalho de grupo, foi determinante o planeamento antecipado e o estudo do método usado para a sua realização, existindo

uma necessidade de apoiar os alunos na pesquisa através de uma listagem de recursos a pesquisar, e, na medida em que eles sentem muitas vezes necessidade de suporte adicional, foi entregue uma ficha com orientações para a sua realização (inserida no Anexo C).

O trabalho de grupo foi realizado a pares, de acordo com a disposição da sala, sendo que todos os alunos iam obtendo o meu apoio na elaboração do mesmo, de forma a permitir-me compreender as suas maiores dificuldades. Este trabalho de grupo permitiu aos alunos treinarem as suas competências sociais e interpessoais, originando uma maior interação e interajuda entre os alunos, na aula seguinte, no recurso à página da turma no *Facebook*. Os alunos necessitaram de ajuda para iniciar o trabalho de grupo, pelo que a orientação da professora teve um papel importante nas pesquisas de informação e no controlo da credibilidade das fontes utilizadas. No entanto, depois verifiquei que a maioria dos alunos, para além dos conhecimentos que constavam no documento enviado anteriormente via *email*, conseguiram com a pesquisa e seleção de informação da Internet, ir mais além, apresentando mais dados e informações relevantes. O resultado dos trabalhos foi muito positivo, pois os alunos mostraram-se bastante motivados e empenhados na sua realização, apresentando questões pertinentes na aula seguinte que não era possível sem uma pesquisa prévia.

Relativamente à diferenciação pedagógica, verifiquei que com a utilização de metodologias ativas é mais fácil atingir os objetivos curriculares por parte dos alunos do que com aulas teóricas, pois as atividades mais práticas acabam por motivar os alunos à participação e envolvimento na disciplina. O professor tem mais oportunidades de acompanhar os trabalhos de grupo, tendo mais proximidade com os alunos e dedicando-lhes uma atenção específica.

Para além das fichas de trabalho, visualização e análise de vídeos, o recurso às tecnologias próximas dos alunos surge como uma necessidade por parte do professor para atingir os objetivos pretendidos. Desta forma, é necessário repensar os métodos de ensino, pois há uma necessidade de acompanhar os tempos e a forma como os alunos interagem com as tecnologias, e, se são estas que interessam mais aos jovens, porque não adaptar as metodologias às tecnologias usadas pelos alunos? Urge, atualmente, a necessidade de concentrar a atenção desta geração tecnológica, que já nasceu nesta era global da tecnologia, nos conteúdos programáticos de forma inovadora, pois já não resulta ser o aluno a adaptar-se aos métodos do professor.



O currículo está de acordo com a sua contextualização, contemplando diferentes metodologias, estratégias, planos, entre outros, estando adaptado sempre ao contexto em que se insere e ao público-alvo a quem se destina. Com as novas tecnologias, segundo Roldão (1999, p.58), a adequação curricular compreende um “conjunto articulado de procedimentos pedagógico-didáticos que visam tornar acessíveis e significativos, para alunos em situações e contextos diferentes, os conteúdos de aprendizagem propostos num dado plano curricular”. O professor deve adaptar todas as suas estratégias e métodos de ensino centrando-se nesta evolução tecnológica, transmitindo o saber para que o aluno passe a ser responsável pela construção do seu próprio saber e pela pesquisa contínua, podendo utilizar o saber em contextos diferentes e ser capaz de solucionar problemas do quotidiano. Desta forma, recorri à utilização do *Facebook* como uma nova ferramenta, para motivar os alunos para a disciplina, impulsionando o ensino colaborativo, onde todos os alunos participaram, ao contrário das aulas expositivas em que os alunos com maiores dificuldades não participavam. Os alunos estavam mais descontraindo e motivados para o Ensino ao usarem a página criada para a turma, promovendo uma interação social e pedagógica entre estes.

Outra questão importante prende-se com a realização de sínteses no final e no início da aula seguinte, questionando os alunos no sentido de verificar se as aprendizagens fundamentais foram adquiridas.

Durante todas as aulas e atividades, fiz uma avaliação através da observação participativa, registando a mesma na grelha de observação (anexo C), de forma a ser possível avaliar a prestação dos alunos tanto na participação ativa no decorrer das aulas, como na elaboração das atividades propostas.

Para a avaliação do recurso à rede social, nomeadamente o *Facebook*, foram aplicados dois questionários, um antes e outro depois da utilização deste como ferramenta pedagógica à disciplina de Economia, sendo possível apurar, que a totalidade da turma considera bastante positiva a utilização desta ferramenta para o ensino (anexo D), visto promover a igualdade de participação e dar maior valor à construção de conhecimentos de cada aluno. Deste modo, penso que o recurso ao *Facebook* como ferramenta pedagógica pode ser um apoio importante para os alunos na sua aprendizagem e um fator de motivação no processo de ensino e socialização, permitindo uma melhor relação de proximidade entre alunos e professores, e alunos e comunidade educativa. Este recurso deve ter sempre o apoio dos professores das



disciplinas, pois é ainda condicionante no desenvolvimento da aprendizagem autónoma e na construção do conhecimento próprio pelos alunos. É de referir que este recurso foi tão bem aceite no curso e na própria escola, onde são vários os docentes agora a recorrerem a esta ferramenta para o ensino *b-learning*, promovendo atualmente uma maior motivação para o estudo e uma maior responsabilidade educativa por parte dos alunos, sendo este um dos objetivos pretendidos pela escola e pelo Ensino Profissional.

## **9. Conclusão**

Este Relatório de Prática Pedagógica Supervisionada incide sobre as observações e lecionação de aulas na Escola Técnica e Profissional do Ribatejo, a uma turma de 11.º ano do Curso Técnico de Comércio, no decorrer do ano letivo 2013/2014, referente ao módulo 6 – A Interdependência das Economias Atuais, abordando, “como pode a utilização do *Facebook* permitir o ensino colaborativo entre os alunos e facilitar o ensino presencial?”.

Hoje, de acordo com as constantes mutações da sociedade, torna-se cada vez mais importante que o professor tenha uma capacidade de adaptação ao local onde está a lecionar. Deve-se ter em conta que objetivo e competência, para além de divergências, têm em comum a incorporação e aplicação de um saber que é prático, e que está contextualizado com situações de resolução de problemas, de acordo com o desenvolvimento curricular. Não é suficiente transmitir conhecimentos; a escola tem de trabalhar, com os alunos, um conjunto de competências transferíveis que incluem adaptabilidade, resolução de problemas, colaboração, e simultaneamente promover a literacia científica e digital que lhes permitirá enfrentar qualquer desafio que encontrem no seu percurso.

O professor tem um papel fundamental no sucesso educativo e deve, dentro das suas orientações curriculares, desenvolver um currículo aberto, através de planificações e implementação de estratégias diversificadas, de acordo com o público-alvo, que cada vez é mais diversificado. Segundo o Decreto-Lei n.º 240/2001, o professor tem a “responsabilidade específica de garantir a todos, numa perspetiva de escola inclusiva, um conjunto de aprendizagens de natureza diversificada” e fomentar “o desenvolvimento da autonomia dos alunos e a sua plena

inclusão na sociedade,” respeitando “as diferenças culturais e pessoais dos alunos demais membros da comunidade educativa.” O sucesso nas escolas profissionais é pautado menos pelas “metodologias didáticas empregadas e muito mais da natureza e qualidade das relações educativas que o professor polariza.” (Formosinho, 1988, p.131). A atitude do professor pode fazer a diferença na aprendizagem e no sucesso escolar, devendo existir uma relação de colaboração constante em todas as escolas. Nas escolas profissionais, segundo Azevedo (2007, p.55), a aprendizagem é promovida através de uma aposta inequívoca num relacionamento próximo com os alunos; portanto, o professor deve estar atento às necessidades, potencialidades e preferências dos alunos para a seleção das metodologias de ensino.

Os jovens pertencem a uma geração tecnológica. Segundo Roldão (1999), as rápidas mudanças que ocorrem na sociedade, em função das tecnologias da informação e comunicação, exigem do professor uma capacidade para o uso de tecnologias cada vez mais sofisticadas. Os alunos devem ser preparados, não transmitindo o objetivo final, mas fornecendo as ferramentas necessárias para pesquisar maiores quantidades de ensinamentos; estaremos, assim, a formar cidadãos conscientes, críticos, criativos, solidários e autónomos. Desta forma, a Educação formal deve proporcionar experiências de aprendizagem que se apoiem no trabalho colaborativo. Esta metodologia de aprendizagem colaborativa não é novidade, mas, atualmente, professores e alunos têm ao seu alcance muitas ferramentas tecnológicas para a tornar realidade. Existem variadas ferramentas para procurar e armazenar informação, ferramentas de criação e colaboração, e ferramentas sociais para trabalhar e colaborar com qualquer pessoa em qualquer parte do mundo. Estas ferramentas podem ser usadas ao serviço de processos de compreensão da realidade social relacionando as aprendizagens apreendidas no processo escolar.

As potencialidades das ferramentas da *Web 2.0*, principalmente dos serviços das redes sociais, afetam toda a sociedade e, principalmente, os jovens, que passam a maior parte do seu tempo na escola. Esta ferramenta permite melhorar o seu potencial de contribuição para as atividades de ensino-aprendizagem. Trata-se de aproveitar a aptidão que os alunos têm para interagir nas redes sociais em benefício da aprendizagem. Uma das limitações encontradas no presente estudo foi o facto de duas das alunas da turma não terem uma página de *Facebook*, podendo comprometer a metodologia de ensino, tendo conversado com as mesmas e após averiguar a sua escolha acordei com as mesmas a criação de uma página exclusiva para a disciplina

com autorização dos encarregados de educação. Esta situação de desconfiança desta ferramenta é sentida também por alguns Encarregados de Educação, tendo-lhes sido facultado um documento onde assinaram a autorização para que os seus Educandos pudessem utilizar o *Facebook*.

O maior poder das redes sociais, quando utilizadas na aprendizagem, é a identificação imediata que os alunos têm com o processo e o sentimento de que a construção do conhecimento depende da contribuição de todos e de cada um deles e não apenas do professor, permitindo uma participação igualitária, e fornecendo a estes uma participação ativa. O *Facebook*, a rede social mais utilizada pelos jovens em Portugal, é de fácil utilização, pois os alunos estão familiarizados com a mesma, sendo possível ultrapassar as dificuldades de utilização com o auxílio dos colegas mais experientes sem ser necessário a intervenção do professor, essencial noutro tipo de contextos mais formais. Esta ferramenta permite criar um contexto necessário à aprendizagem colaborativa, pois permite a partilha de conteúdos em múltiplos suportes, a edição e a colaboração. A rede social torna-se numa ferramenta de apoio à aprendizagem colaborativa se o professor adaptar os objetivos que pretende desenvolver aos alunos e às suas preferências. Da análise do trabalho desenvolvido no *Facebook*, os alunos aproveitaram as potencialidades da ferramenta e envolveram-se de forma ativa no processo de aprendizagem, promovendo na página criada para a turma diversas partilhas e comentários. A utilização da página permitiu aos alunos identificar potencialidades no *Facebook* que até aí desconheciam e melhorar as suas competências e métodos de pesquisa.

Uma das finalidades da utilização da rede social na Educação é ajudar os alunos a refletir sobre os possíveis tipos de conteúdos partilhados e a forma como o fazem, tanto a uso pessoal como escolar. Atualmente os alunos usam as redes sociais, e, se o papel da escola é direcionar os mesmos a serem cidadãos aptos e informados para uma realidade social, é necessário consciencializá-los de que a rede social pode ser utilizada também como uma ferramenta de ensino-aprendizagem. As potencialidades pedagógicas do *Facebook* podem ser alcançadas usando a multiplicidade de ferramentas disponíveis, de diferentes formas, consoante os objetivos a atingir. Desta forma, hoje, é insuficiente transmitir apenas conhecimentos; a escola tem de desenvolver formas de trabalho com os alunos, adaptar os métodos de ensino, fomentando, principalmente no ensino profissional, a resolução de problemas, a colaboração de forma a enfrentar qualquer desafio que

encontrem no seu percurso. Patrício & Gonçalves (2010, p.594), afirmam que o *Facebook* “transformou-se não só num canal de comunicação e um destino para pessoas interessadas em procurar, partilhar ou aprender sobre determinado assunto, mas igualmente um meio de oportunidades para o Ensino”, pois possibilita o desenvolvimento de estratégias de interação e a colaboração, desenvolve o pensamento crítico e reflexivo, estimula o contraste de opiniões e a argumentação, e reforça as capacidades de colaboração, recorrendo à ferramenta principal do *Facebook*, que é comentar as publicações.

Independentemente do recursos a uma tecnologia próxima dos alunos, estes demonstraram não estarem habituados a trabalhar de forma colaborativa entre si, sendo que, desta forma, o papel do professor foi sempre importante, continuando a ser fundamental como orientador e criador de sentido em todo o trabalho. De facto, a sua presença tem de ser permanente e todas as suas intervenções têm de ter como objetivo guiar os alunos em direção à construção dos conhecimentos.

No final das aulas lecionadas, foi possível verificar a melhoria das avaliações quantitativas, tendo em conta, essencialmente, o facto da avaliação se debruçar sobre um trabalho de grupo, sobre o qual os alunos apresentaram pesquisas e análises mais construtivas. Estes resultados confirmam a teoria de Vygotsky de que a aprendizagem é eminentemente social e se faz com o auxílio do professor e dos pares mais capazes. É possível confirmar ainda que, com a colaboração numa abordagem socio construtivista através das ligações que se estabelecem com outras pessoas nas redes sociais, permite aos alunos desenvolver capacidades de pesquisa, análise, reflexão e avaliação crítica da informação, de forma a torná-los membros ativos e participativos da sociedade onde estão inseridos. A experiência vivenciada durante a leção das aulas contribuiu para o meu desenvolvimento pessoal e profissional enquanto docente. Permitiu, através da reflexão, leitura, interações e observações um desenvolvimento profissional, incentivando à procura de respostas para o problema identificado e refletir sobre as opções metodologias utilizadas anteriormente.

A elaboração do presente Relatório impulsionou a experimentação de novas práticas de ensino-aprendizagem através do *Facebook*, tendo sido utilizado como apoio ao estudo do módulo, pela partilha de pesquisas efetuadas pelos alunos, promovendo o desenvolvimento de um conhecimento próprio, enriquecido pela partilha das pesquisas dos restantes colegas. Desta forma, este é um recurso pedagógico importante para a promoção de uma participação e colaboração no

processo educativo, impulsionando a partilha, crítica reflexiva de informação e conhecimento.

## 9.1. Limitações e Questões para Aplicações Futuras

Uma das principais limitações do uso do *Facebook* relaciona-se com a quantidade e a velocidade constantes dos fluxos de informação posicionadas cronologicamente. São realçadas as informações que estão no ecrã e relegadas para segundo plano as partilhas anteriores o que dificulta a sua recuperação e consulta.

Por outro lado, a utilização de redes sociais como espaço para a aprendizagem pode ser vista como uma invasão da privacidade dos alunos, do espaço onde eles se podem expressar livremente. Segundo Patrocínio (2004a) com a utilização quotidiana das novas tecnologias “a privacidade pode ser, de algum modo, alterada e afetada em diferentes dimensões, o que se constitui um campo bastante problemático” (p.103). Ao pedir aos alunos que se envolvam em trabalhos que impliquem a utilização de redes sociais implica a inscrição e a utilização de dados pessoais, o uso das várias aplicações do *Facebook* também só é permitido depois de se autorizar o acesso a alguns dados pessoais, sendo um dos papéis da escola ajudar os alunos a lidar com esta realidade aproveitando os seus benefícios mas acautelando a privacidade e a segurança.

Os alunos sempre trabalharam de forma individual e presencial. Atualmente, com a *Web*, é fácil criar condições para produzir trabalho colaborativo, permitindo a partilha de informações. Esta transição implica redefinir o papel dos alunos e dos professores de forma a transmitir os conteúdos colaborativamente.

No futuro seria importante estender este tipo de utilização a outras disciplinas envolvendo um maior número de professores e de alunos e tentar perceber os reflexos da utilização pedagógica do *Facebook* na utilização pessoal que os alunos fazem deste.

*“A globalização do mundo contemporâneo impõe novos caminhos de acesso ao conhecimento e pressupõe a criação de novos cenários de ensino/aprendizagem.”*

(Almeida, C., Dias, P., Morais, C., Miranda, L., 2000, p.195)

## 10. Referências

Alejandro, V. & Norman, A. (2005). *Manual introdutório à Análise de Redes Sociais. – medidas de centralidade –* Acedido a 01/05/2014, disponível em [http://api.ning.com/files/ib7AWBiWewSRilCmh7sNfwlCgobUCA5QiUqiZOskSh15AhSOE9XhzcVRUr5JXYapSVS45I5OKOBEjoSvbDykrzDOcrBPq7N/Manualintrodutorio\\_ex\\_ucinet.pdf](http://api.ning.com/files/ib7AWBiWewSRilCmh7sNfwlCgobUCA5QiUqiZOskSh15AhSOE9XhzcVRUr5JXYapSVS45I5OKOBEjoSvbDykrzDOcrBPq7N/Manualintrodutorio_ex_ucinet.pdf)

Alexander, B. (2006). *Web 2.0: A new wave of innovation for teaching and learning?* *Revista EDUCAUSE*, 41 (2), 32-44. Disponível em <http://www.educause.edu/ir/library/pdf/ERM0621.pdf>

Almeida, A. (coord.), Delicado, A. & Alves, N. (2008) *Crianças e Internet: Usos E Representações, a Família e a Escola. Relatório do Inquérito.* Disponível em [http://www.crinternet.ics.ul.pt/icscriancas/content/documents/relat\\_cr\\_int.pdf](http://www.crinternet.ics.ul.pt/icscriancas/content/documents/relat_cr_int.pdf)

Almeida, C., Dias, P., Morais, C., & Miranda, L. (2000). *Aprendizagem Colaborativa em ambientes baseados na web.* Peralbo (Eds), *V Congresso Galego-Português de psicopedagogia - Actas (Comunicaciones e posters)*, 6, pp.193-202. [https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/1071/1/PA05\\_2000\\_Aprendizagem%20Colaborativa\\_Web.pdf](https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/1071/1/PA05_2000_Aprendizagem%20Colaborativa_Web.pdf)

Anderson, T. & Dron, J. (2011). *Three generations of distance education pedagogy.* *International Review of Research in Open and Distance Learning*, 12(3). Disponível em <http://www.irrodl.org/index.php/irrodl>

António, J. C. (2009). *Uso pedagógico dos fóruns.* Acedido em 14/04/2014, disponível em: <http://professordigital.wordpress.com/2009/06/08/uso-pedagogico-dos-foruns/>

Area, M. (2010). *Las Redes Sociales en Internet como espacios para la formación del profesorado.* *Revista Mexicana Razón y Palabra*, 63. Disponível em <http://www.razonypalabra.org.mx/n63/marea.html>

Arends, R. (1999). *Aprender a Ensinar.* Lisboa: MacGraw-Hill.

Arends, R. (2008), *Aprender a Ensinar.* 7.<sup>a</sup> Edição. Madrid: McGraw Hill Interamericana de Espanha, S.A.U

Azevedo, J. (2000). *O Ensino Secundário na Europa.* Porto: ASA.

Azevedo, J. (2007). *Diversificação, equidade e qualidade no ensino secundário na União Europeia. Seminário IIPE-UNESCO, sobre "Diversidad cultural, desigualdad social y estrategias de política educativa" série.* Disponível em <http://www.joaquimazevedo.com/Images/BibTex/1567413760igos%20EP%20Livro%20JA.pdf>

Azevedo, T. & Rodriguez, M. (2010). *Softwares para análise de redes sociais – ARS. VI congresso nacional de excelência em gestão.* Acedido em 16/04/2014, disponível em [http://www.excelenciaemgestao.org/Portals/2/documents/cneg6/anais/T10\\_0326\\_1438.pdf](http://www.excelenciaemgestao.org/Portals/2/documents/cneg6/anais/T10_0326_1438.pdf)

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Boyd, D. & Ellison N. (2007). *Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship*. Acedido em 14/04/2014, disponível em <http://mimosa.pntic.mec.es/mvera1/textos/redessociales.pdf>

Carneiro, R. (2001). *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem, 21 ensaios para o século 21*. Vila Nova de Gaia: Edição Fundação Manuel Leitão.

Castells, M. (2004). *A galáxia internet*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Cole, M. (2009). *Using Wiki technology to support student engagement: Lessons from the trenches*. *Computers e Education*, 52(1), 141-146. Disponível em <http://www.pgce.soton.ac.uk/ict/NewPGCE/PDFs09/Using%20Wiki%20to%20support%20student%20engagement%20lessons%20from%20the%20trenches.pdf>

Comissão das Comunidades Europeias, *Plano de ação eLearning -Pensar o futuro da educação*, Comunicação da Comissão ao Conselho e ao Parlamento Europeu, Bruxelas, 2001.

Costa, F. A. (2009). *Um breve olhar sobre a relação entre as tecnologias digitais e o currículo no início do Séc. XXI*. In P. Dias e A. Osório (Eds.), *Atas da VI Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação, Challenges 2009*. Braga: Universidade do Minho. 293-307. Disponível em <http://lisboa.academia.edu/fernandoalbuquerquecosta/Papers/763740>

Costa, F. A. (2010). *Metas de Aprendizagem na área das TIC: Aprender Com Tecnologias. I Encontro Internacional TIC e Educação*. Universidade de Lisboa: Instituto de Educação. Disponível em <http://aprendercom.org/miragens/wp-content/uploads/2010/11/398.pdf>

Coutinho, C. P. (2005). *Construtivismo e investigação em Hipermedia: aspetos teóricos e metodológicos, expectativas e resultados*. In Baralt, J., Callaos, N. & Sánchez, B. (Eds.). *Actas da Conferência Ibero-americana em Sistemas, Cibernética e Informática*, 4. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/4386>

Coutinho, C. P. (2008). *Web 2.0: uma revisão integrativa de estudos e investigações*. *Atas do Encontro sobre Web 2.0*. Braga: Universidade do Minho. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8462/1/ClaraF001.pdf>

Coutinho, C. P. & Chaves, J. H. (2002). O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal. *Revista Portuguesa de Educação*, 15(1): 221-244. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/492/1/ClaraCoutinho.pdf>

Coutinho, C. P. & Júnior, J. B. (2007). *Blog e Wiki: os futuros professores e as ferramentas da Web 2.0*. In M. J. Marcelino e M. J. Silva (Org.), *Atas do IX Simpósio Internacional de Informática Educativa* 199-204. Porto: ESE-IPP. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7358/1/Com%20SIIE.pdf>



Dias, P. (2008). *Inovação pedagógica para a sustentabilidade da educação aberta e em rede Educação, Formação e Tecnologias*; vol.1 (1); 4-10. Disponível em <http://eft.educom.pt>

Dias, P. (2013). *Inovação pedagógica para a sustentabilidade da educação aberta e em rede*. Educação, Formação & Tecnologias, 6 (2), 4-14

Fino, C. N. & Sousa, J. M. (2001). *As TIC abrindo caminho a um novo paradigma educacional*. Departamento de Ciências da educação da Madeira. Acedido em 19/5/2010, disponível em <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/9.pdf>

Formosinho, J. (1988). *Organizar a escola para o sucesso educativo*, em Medidas que promovam o sucesso educativo: Textos das comunicações e conclusões do seminário realizado em Braga.Lisboa: C.R.S.E., GEP/ME, pp.105 a 136.

Franco, A. (2010). *Redes são ambientes de interação, não de participação*. Acedido em 02/04/2014, disponível em <http://escoladeredes.ning.com/profiles/blogs/redes-sao-ambientes-de>

Fontaine, P. (2007). *A Europa em 12 Lições*, disponível em <http://dupond.ci.uc.pt/CDEUC/Arquivo/01/647-07.pdf>

Gaspar, I. & Roldão, M. C. (2007). *Elementos de Desenvolvimento Curricular*. Lisboa; Universidade Aberta.

Goulão, M. F. (2011). *Ensinar e aprender na sociedade do conhecimento. O que significa ser professor?* E-book: Barros, D.M.V. et al. *Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas*. Lisboa. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/49394661/Fa-Ti-Ma>

Laranjeiro, J. B. (2008). *Contributos para a análise e caracterização de interações em fóruns de discussão online*. Tese de Mestrado em Educação Multimédia. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. [http://www.fc.up.pt/fcup/contactos/teses/t\\_050370107.pdf](http://www.fc.up.pt/fcup/contactos/teses/t_050370107.pdf)

Legardez, A. (2001). *La didactique des sciences économiques et sociales. Bilan et perspectives*. Publications de l'Université de Provence.

Lévy, P. (1997). *Cibercultura*. Instituto Piaget, Coleção Epistemologia e Sociedade, Lisboa.

Llorens, F. & Capdeferro, N. (2011). Posibilidades de la plataforma Facebook para el aprendizaje colaborativo en línea. *Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento*. 8(2) 31-45. Disponível em: <http://rusc.uoc.edu/ojs/index.php/rusc/article/view/v8n2-llorens-capdeferro/v8n2-llorens-capdeferro>

Luckesi, C. (2002). *Avaliação da Aprendizagem escolar*. 14.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez.

Meirinhos, M., & Osório, A. (2006). *Aprendizagem em ambientes colaborativos a distância: transformação das funções do formador e dos formandos*. Disponível em: <http://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/1110>



Meirinhos, M. (2007). *Desenvolvimento profissional docente em ambientes colaborativos de aprendizagem a distância: estudo de caso no âmbito da formação contínua*. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10198/257>.

Meirinhos, M. & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EduSer: revista de educação*. 2(2), 49-65. Disponível em: [www.eduser.ipb.pt/index.php/eduser/article/viewFile/61/41](http://www.eduser.ipb.pt/index.php/eduser/article/viewFile/61/41)

Minhoto, P. & Meirinhos, M. (2011). *As redes sociais na promoção da aprendizagem colaborativa: um estudo no ensino secundário*. Educação, Formação & Tecnologias, 4(2), 25-34, disponível em: <http://eft.educom.pt>

Miranda, L., Morais, C., Dias, P. & Almeida, C. (2001). *Ambientes de aprendizagem na Web: uma experiência com fóruns de discussão*. In P. Dias e V. de Freitas, (org.), *Actas do CHALLENGES 2001, 2.ª Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação*. (433 – 444). Braga: Centro de Competências Nónio séc. XXI da Universidade do Minho. Disponível em:

[https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/1066/1/PA07\\_2001\\_Web\\_Foruns\\_Discussao.pdf](https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/1066/1/PA07_2001_Web_Foruns_Discussao.pdf)

Missão para a Sociedade da Informação (1997). *Livro Verde para a Sociedade da Informação*. Lisboa: Ministério da Ciência e da Tecnologia. <http://area.dgcidc.min-edu.pt/inovbasic/rec/livro-verde/index.htm>

Moinhos, M., Carmo, M. (Coordenadora) (2004/2005). *Programa da Componente de Formação Científica da Disciplina de Economia*, Direcção-Geral de Formação Vocacional.

Murphy, E. (2004). *Recognising and promoting collaboration in an online asynchronous discussion*. British Journal of Educational Technology. Vol 35. No 4 .pp.421–431. Disponível em: [http://www.ucs.mun.ca/~emurphy/bjet\\_401.pdf](http://www.ucs.mun.ca/~emurphy/bjet_401.pdf)

Nóvoa, A. (1995). *Profissão Professor*, Porto: Porto Editora.

Nóvoa, A. (1997). Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Coord.). *Os professores e sua formação*. 3.ª ed. Lisboa: Dom Quixote.

Patrício, M., Gonçalves, V. & Carrapatoso, E. (2008). *Tecnologias Web 2.0: Recursos Pedagógicos na Formação Inicial de Professores*. In Carvalho, Ana Amélia A. (Org.), *Atas do Encontro sobre Web 2.0*. Braga: CIED.

Patrício, R. & Gonçalves, V. (2010). *Facebook: rede social educativa?* In *I Encontro Internacional TIC e Educação*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. 593-598. <http://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3584/1/118.pdf>

Pereira, H.C. (1994). *A Formação Pessoal e Social no Contexto da Reforma Educativa*, Educar.

Pereira, S., Pereira, L. & Pinto, M. (2011). *Internet e Redes Sociais, tudo o que vem à rede é peixe?* Edumedia – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

Perrenoud, P. (2002). *Aprender a Negociar a Mudança em Educação*. Porto. Edições ASA.

Perrenoud, P. (1999). *Escola e cidadania: o papel da escola na formação para a democracia*. Artmed Editora.

Pinto, J. & Santos, L. (2006). *Modelos de Avaliação das Aprendizagens*. Lisboa: Universidade Aberta.

Pires, D. M., Morais, A. M. & Neves, I. P. (2004). *Desenvolvimento Científico nos primeiros anos de escolaridade. Estudo de características sociológicas específicas da prática pedagógica*.

Ponte, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. In GTI (Org), *Refletir e investigar sobre a prática profissional* (pp.5-28). Lisboa: APM.

Ponte, J. P. (2004). *Investigar a nossa própria prática: Uma estratégia de formação e de construção do conhecimento profissional*. In E. Castro e E. Torre (Eds.), *Investigación en educación matemática* (pp.61-84). Coruña: Universidad da Coruña. Republicado em 2008, *PNA - Revista de Investigación en Didáctica de la Matemática*, 2(4), 153-180 Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/04-Ponte-Corunha.pdf>

Rodríguez, C.E. (2007). *Didáctica de las ciencias económicas*, Edición electrónica gratuita. Disponível em: [www.eumed.net/libros/2007c/322/](http://www.eumed.net/libros/2007c/322/)

Roldão, M. (1999). *Os Professores e a Gestão do Currículo*. Porto: Porto Editora

Roldão, M. (2003). *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências*. Lisboa: Editora Presença.

Roldão, M. (2009). *Estratégias de Ensino - O Saber e o Agir do Professor*; Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Simões, L., & Gouveia, L. (2008). Geração Net, Web 2.0 e ensino superior, in Freitas, E. e Tuna, S. (Orgs.) (2009). *Novos Média, Novas Gerações, Novas Formas de Comunicar*. Edição especial Cadernos de Estudos mediáticos, n. 6. Edições Universidade Fernando Pessoa, 21-32. Disponível em: [ISBN 978-989-643-023-8](http://ISBN%20978-989-643-023-8). [http://homepage.ufp.pt/~lmbg/com/ls\\_cem6\\_09.pdf](http://homepage.ufp.pt/~lmbg/com/ls_cem6_09.pdf)

Simões, M. J. (2010). *Oportunidades para o E-learning no contexto da Web 2.0*. Politécnica, 17, ipsgaya. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/61119067/Oportunidades-para-o-E-learning-no-Contexto-da-Web-2-0>

Souza, A., Nou Schneider, H, (2012). *II Congresso Internacional TIC e Educação Aprendizagem Colaborativa nas Redes Sociais: Novos Olhares sobre a Prática Pedagógica*. Disponível em: <http://ticeduca.ie.ul.pt/atas/pdf/50.pdf>

Sprinthall, N., Sprinthall, R. (1993). *Psicologia Educacional – Uma Abordagem Desenvolvimentista*. Alfragide: Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda.

Patrocinio, T. (2001). *Tecnologia, Educação, Cidadania – (Re)pensar projectos educacionais numa abordagem compreensiva da contemporaneidade*. Tese de

Mestrado. Lisboa: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

Patrocínio, T. (2004). *Tornar-se Pessoa e Cidadão Digital*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

Torres, T. & Amaral, S. (2011). Aprendizagem Colaborativa e Web 2.0: proposta de modelo de organização de conteúdos interativos. *ETD – Educação Temática Digital*. v.12, p.49-72. Disponível em: <http://www.fe.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/viewArticle/2281>

### 10.1. Legislação

Decreto-Lei 6/2001 de 18 de janeiro, Reorganização Curricular do Ensino Básico – Princípios, Medidas e Implicações. Diário da República n.º 15, Série I-A de (01-18-2001). 258 a 265.

Decreto-Lei n.º 240/2001 de 30 de agosto, O perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário. Diário da República Série, I-A, (30-08-2001). 5569 a 5572.

Decreto-Lei n.º 74/2004 de 26 de março, Os Princípios Orientadores da Organização e da Gestão Curricular, bem como da Avaliação das Aprendizagens, no Nível Secundário de Educação. Diário da República Série I-A, (26-03-2004). 1931 a 1942.

Decreto-Lei n.º 91/2013 de 05 de julho, Novas Matrizes Curriculares Para o 1.º Ciclo Ensino Secundário Profissional. Diário da República Série I, (10-07-2013). 4013 a 4015.

### 10.2. Referências eletrónicas

Marktest (2013). Os portugueses e as redes sociais, 2013 Grupo *Marktest*. <http://www.marktest.com/wap/a/p/id~12d.aspx> Acedido a 2014-05-27  
Escola Técnica e Profissional do Ribatejo. <http://www.etpr.pt/>

## **11. Anexos**

### **Anexo A – Planificação da Unidade Didática**

- Planificação Modular: Módulo 6 – A Interdependência das Economias Atuais.
- Planificação de Médio Prazo do Módulo 6 – A Interdependência das Economias Atuais.
- Matriz de Objetivos/Conteúdos do Módulo 6 – A Interdependência das Economias Atuais.

### **Anexo B – Planos e Descrições das aulas lecionadas**

- Planos e descrições da aula 1, 2, 3, 4 e 5, do Módulo 6 – A Interdependência das Economias Atuais.

### **Anexo C – Recursos, Materiais Didáticos e Grelhas de Avaliação**

- Apresentação em *PowerPoint* utilizada nas aulas.
- Sebenta.
- Guiões dos vídeos visualizados.
- Ficha de orientações do trabalho de grupo.
- Fichas de trabalho temáticas.
- Grelha de observação de aulas.
- Grelha de avaliação do trabalho de grupo.

### **Anexo D – Questionários**

- Autorização dos Encarregados de Educação para a utilização do *Facebook* em contexto escolar.
- Questionário aplicado aos alunos no início das aulas sobre a utilização do *Facebook*.
- Questionário aplicado aos alunos no final das aulas sobre a utilização do *Facebook*.
- Resumo das respostas dos alunos ao questionário.

### **Anexo E – Diário de Campo**